



RB186,591



Presented to the
LIBRARY of the
UNIVERSITY OF TORONTO

by
Professor
Ralph G. Stanton

LORD GLE...

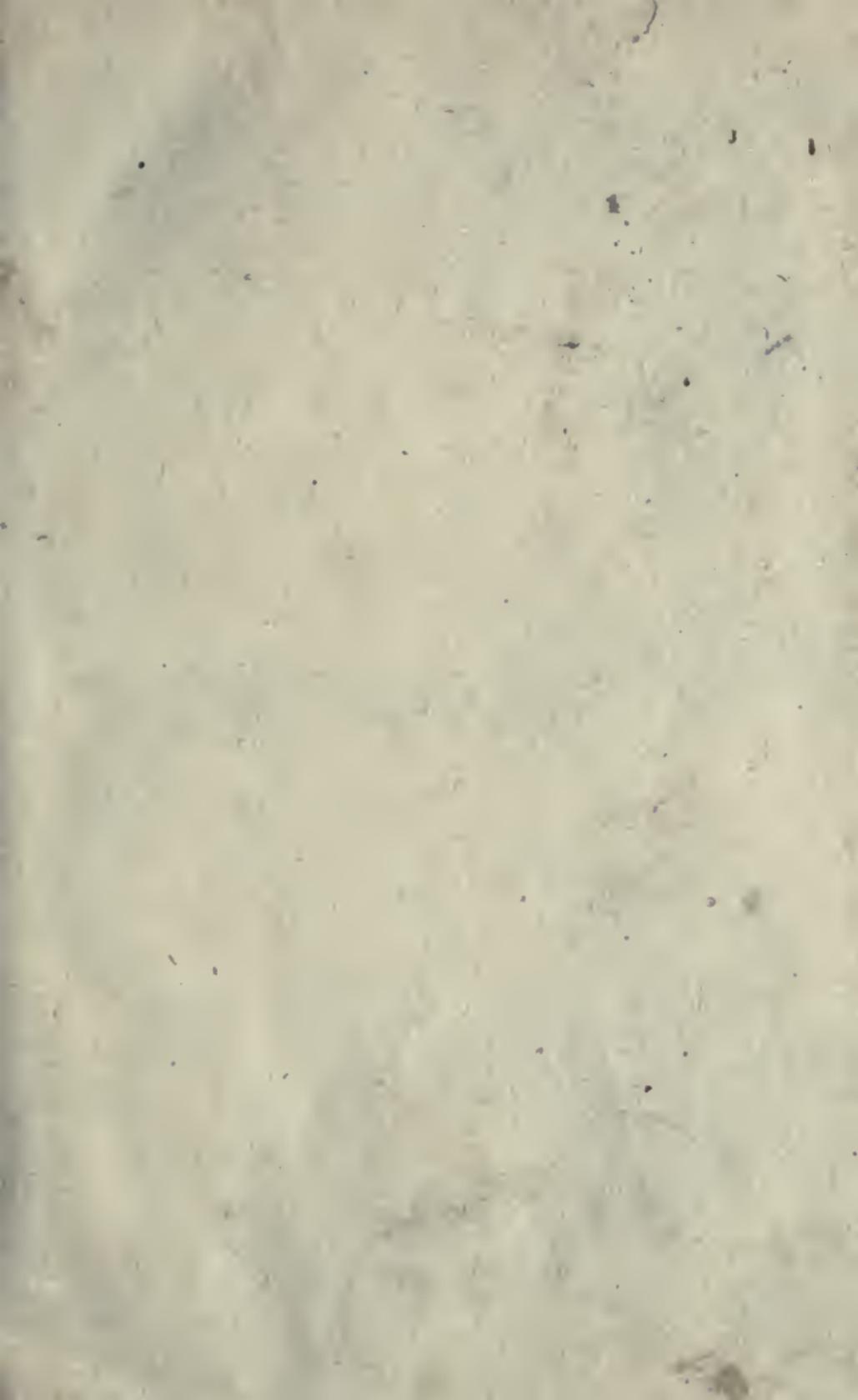


R

19710L

4 vol

V. 3430



16





I. Barro Ferr. inv.

G. F. A. Quiroz sculp. Lox.

ALMANAK
DAS
MUSAS,
OFFERECIDO
AO GENIO PORTUGUEZ.
PARTE I.



LISBOA:

Na Officina de FILIPPE JOZE DE FRANCO,
ANNO M. DCC. XCIII.

Com licença da Real Meza da Commissão Geral, so-
bre o Exame, e Censura dos Livros.



*Nem sempre haõ de occupar serios cuidados
Da nossa vida os dias pressurozos
Hajaõ tambem prazeres misturados.*



ALMANAK DAS MUZAS.

SONETO.



VERSOS, q' Amor, e q' a Razaõ dictára,
A ternos Vates, q' a Amizade unita,
Hide girar por onde livre gira
Prole, a q' a vida o prélo dilatára:

Crinina Apollo aquella Muza avara,
Q' enthezoirando os dons, q' elle lhe inspira,
O seu fogo vaãmente consummira,
Quando a luz recebida suffocára:

O Público vos chama, e vos espera,
Ah! naõ temais a lingua detractora,
Que mal diz o q' em fim naõ entendera:

Em amiga uniaõ sahi embora,
E ensinai, a quem inda naõ soubera,
Como se ri de Amor, como se chora.

Lereno Selinuntino da Arcadia de Roma.



S O N E T O.

O Matutino Sol , claro , e formoso
Vem no accezo Horizonte despontando ;
Mastiga o freyo aurifero escumando ,
E alegres rinchos dá Piróes fogoso.

As Estrellas no Téjo saúdofo ,
As luminosas fronteas vaõ banhando ;
E estaõ as pardas terras rutilando ,
C'o cristalino aljofar orvalhofo.

Cantaõ as brandas Aves ; os Pastores
Guiãõ as Ovelhinhas pelos prados ,
Que a primavera borda de mil flores.

Formosos olhos , olhos suspirados ,
A quem longe de vós morre de amores ;
Os mais alegres dias saõ pezados.

Euvindo Nunacriense.



SONETO.

Não suspirada Marcia , não , não leias
 Da triste Dona Ignez a infausta historia ,
 Que de seus infortunios a memoria
 Te hade o sangue gelar dentro das veias ;

Chamam por ella os troncos , e as areias ,
 Só o maligno Amor cheio de gloria ,
 Inda em signal conserva da victoria
 As traças da infeliz de sangue cheias :

Ah ! linda Ignez , e aonde se escondia
 Aos ternissimos ais , que estavas dando ,
 O teu Pedro , o teu bem que os não ouvia ?

Mas tu , formosa Marcia , estás chorando ,
 Se Ignez chorasse assim , quem poderia
 Trapassar-lhe cruel , seu peito brando.

Euvindo Nunacriense.



S O N E T O.

A Mor , de Amores mil vi rodeado ,
 Q' o seu senhor armavam á porfia ,
 Qual a brilhante malha lhe vestia ,
 Qual lhe ajustava a espada de oiro ao lado :

Este o elmo de plumas variado ,
 Sobre os loiros cabellos lhe cingia :
 Aquelle a grossa lança lhe trazia ,
 Quem dá o escudo , quem o arnez pezado :

Chameja o rosto a Amor , a Ira , a Guerra
 Voam-lhe em torno : tremem de medrosos
 No Olimpo os Deozes , e os mortais na terra :

Fugi do seu furor , olhos formozos ,
 Que se o golpe Cupido hoje não erra ,
 Vingados ficarão tantos queixozos .

Eurindo Nonacriense.



S O N E T O .

T Irar Ignez ao mundo determina
 O velho Affonço de vingança armado ;
 E trez monstros crueis co'a morte ao lado ;
 Lá correm , lá se cumpre a ley ferina.

Da bella Ignez a face peregrina ,
 Eis como o Sol de nuvens affrontado ;
 Ou qual porque a ferio bicudo arado
 Debruça o collo a candida bonina.

Do auzente Espozo em vaõ soccorro implora :
 Os olhos lhe embaceya a Parca dura ;
 Foge carpindo Amor , que nelles mora.

E em Echo transformadas na espessura ,
 Costumaõ prantear ainda agora
 As Filhas do Mondego a morte escura.

*O primeiro , e ultimo Verso deste Soneto , são
 tirados de Camoës , por dois Autores.*



S O N E T O.

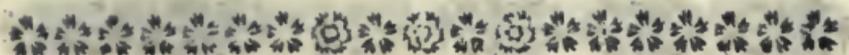
E Ntre as vagas azues do mar dourado ,
 A Lacia terra Eneas demandava
 Em quanto Elisa o peito atraveçava
 C'o lizo Teucro ferro affacallado.

Barbaro Esposo , Esposo refalsado ,
 Nalando em fangue a misera exclamava ;
 Permitta de Neptuno a furia brava ,
 Que expire entre as ondas affogado.

Disse : e de Jove a divinal conforte ,
 Nas dolorosas preces attentan-lo ,
 Iris manda baixar da etherea corte.

Desce : corta-lhe à vida o fio brando ,
 E eis o espirito vai nas maõs da morte
 Pelas aureas abobedas voando.

*O primeiro , e ultimo Verso são da Camata de
 Garçaõ : por dois Autores.*



S O N E T O.

C Om a terna Amizade , Amor luçtava ,
 Fôra a primeira vez , que vira a terra
 Destes meigos Irmãos a usada guerra ,
 E affustada tremia , e vacillava :

Longa trança da Deosa ao ar ondeava
 Entre o fendal , que desfata-lo erra ,
 E o véo fatal , que ao Nume os olhos cerra ,
 Em pedaços ao vento volteava :

Desce dos Ceos fatidico Destino ;
 Ouve da boca de ambos a verdade ;
 Marfida os move a este defatino :

Decretou a infallivel Divindade ;
 Parta-se o coração , de ambos he dino ;
 Dê-se húa parte a Amor , outra á Amizade .

Lezno Selinuntino.



SONETO.

Negras nocturnas aves agoiraram
 Este funesto , mal fadado dia ;
 Dia em q' a triste idade principia
 De, hñ triste , q' as Desgraças bafejaram :

Quanto ha de máu , em duros nós ataram
 Atropos , Cloto , e Láchezis impia ,
 Q' esta nodoza vida , estende , e fia
 Para males , q' ainda não chegaram :

Tocou-me o berço a mão cruel , e dura
 Da céga , e inconstante Potestade ,
 Que enche meus pobres dias de amargura :

Magoas , disgostos , marcam minha idade ,
 Mas esqueceu á minha má Ventura ,
 Tirar-me o refrigerio da amizade.

Leveno Selinuntino:

SONETO.

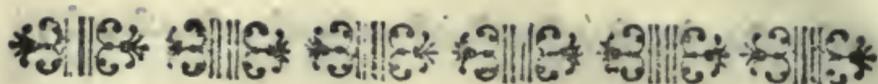
Neste Dia fatal , infausto Dia ,
Nasceo ao Mundo mais hũ desgraçado ;
E bem , que pelas Muzas embalado ,
Só para Melpoméne he que nascia ;

Quando a funesta aurora resurgia ,
O lucido caminho achou turbado ,
Negro vapor da terra aos Ceos alçato ,
Veio empecer-lhe a alegre louçania ;

Tres vezes trôa o Ceo , e do Coccyto
Soltou a Inveja as viperinas tranças ,
Soou da parte esquerda hũ rouco grito :

Ah ! nasceste infeliz , e em vaõ te canças ;
Lereno , já teu fado estava escrito ,
Serão teu maior bem vaãs esperanças .

Lereno Selinuntino.



SONETO.

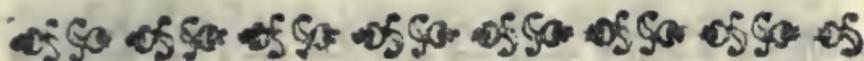
Todos querem saber quem seja Arminda,
 Por quem vivo gostoso, e satisfeito;
 E por mais diligencias que tem feito,
 Graças a Amor, que não se sabe ainda:

C'os seus cazos de amar talvez me brinda
 Pastor que de enganar tem uso, e geito;
 E ferrana de gesto ao dolo afeito,
 Finge que vio meu bem, jura que he linda:

Nos meus segredos cauteloso, e austero,
 Sua industria illudir-me em vão forceja,
 Q' Amor, só nisto, me não quer sincero:

Talvez piedade o meu segredo seja;
 Eu não lhe mostro Arminda, que não quero,
 Q' elles morram de Amor, ellas de inveja.

Lercno Selinuntino.



SONETO.

N Aõ vez , cruel , o Cedro corpolento ,
 Q' a viçosa cerviz tem incurvado ?
 Naõ he da natureza , he do cuidado ,
 Com q' o sabio cultor o dobra attento :

Das agoas o continuo movimento ,
 Mostra o final de brando haver tornado ,
 O penedo por onde vai callado ,
 O vizinho ribeiro , clãro , e lento :

Se a ti o pensamento ora levanto ,
 Vejo cue mais resistes , q' es mais dura ,
 Q' o tronco , e a pedra que te dão espanto :

Porque naõ faz na tua formosura ,
 O incansavel disvello , o terno pranto ,
 Nem mais inclinaçãõ , nem mais brandura .

Leveno Selimunsino.



S O N E T O .

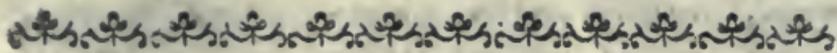
DE hũa gruta no seio cavernozo ,
O fragil barco recolheo Lereno ,
E reclinado no arido terreno ,
O livre pescador dormio gostozo :

Amor , q' a ninguem póde ver ditozo ;
Nem paz constante em animo sereno ,
Na uzada fórma de hũa rapaz pequeno ,
Vem offertar-lhe mimo cavilozo :

De Arminda a gentilissima figura
Lhe mostra , e diz : He tua , e tu naõ medes
Qual seja a que terás longa ventura :

Acorda alegre o pescador : já vedes ,
Que por sonhados bens da formozura ,
Deixa o certo descanço , o barco , as redes .

Lereno Selinunino.



S O N E T O.

SE eu vejo o forte , o impávido Thebano ,
Depois do Nemêo bruto haver desfeito ,
E com a pelle ornar costas , e peito
Com gesto , e com valor além de humano ;

Os grilhões arrastar do Deos tiranno ,
A hũ terno mover de olhos ser fugeito ,
E em mulheril trabalho fatisfeito
A ferrea clava desleichar ufano :

Se o que homens , e Feras tem domado
As amorozas setas penetrantes ,
Taõ abatido o põe em tal estado :

Naõ ha que rezistir , pobres amantes ,
Porque contra o poder do Deos vendado ,
Nem d' Hercules as forças saõ bastantes .

Leveno Selinumino.



SONETO.

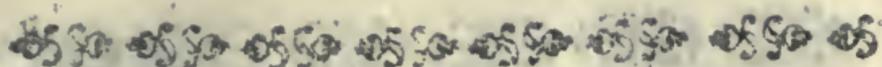
A Cabana de Tirse , q'eu respeito ,
 A'lem se vê , alli branqueja o marco ;
 Eu quero ir vizita-la , aqui me embarco ,
 Aqui aonde o Téjo he mais estreito :

A longa vara encosto ao duro peito ;
 Firmo a ponta na areia , empurro o barco ,
 A quilha emperra no limoso charco ,
 Nem se move por força , nem por geito :

Salto fóra ligeiro , e agora arrumo
 O esquerdo hombro ao concavo costado ,
 Mas em vão me affadigo , e me consumo :

Só chegando a maré se põe em nado ,
 E deste proprio exemplo he q' eu rezumo ,
 Que sem occasiã , tudo he baldado .

Lexeno Selinumino.



SONETO.

A Rde em raivas Diana, eu o conheço,
 Na accesa côr da face enfurecida,
 E he porq' eu lhe offereço a minha vida,
 Porq' hũ sincero coração lhe offereço:

Naõ duvida a cruel do q'eu patieço,
 Da minha paixãõ para naõ duvida,
 Mas em orgulho fero assim nutrida;
 Julga o ama-la criminoso excessõ:

Se he inhumana, pois, se fêra, e dura;
 E cuida que se offende o seu respeito,
 Com hũa adoraçãõ sincera, e pura;

Para ver o seu genio satisfeito,
 Castigue a sua mesma formosura,
 Castigue a causa, naõ castigue o effeito.

Lereno Salinuntino.



S O N E T O.

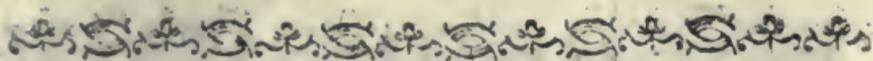
E Scurece-se o ar , trôa em redondo ,
 Cintas de fogo o Horizonte esmaltam ,
 Tortos coriscos d'entre as nuvens saltam ,
 O raio os ares rasga em rouco estrondo :

Os ventos vão os troncos descompondo ,
 As folhas cahem já , os fructos faltam ,
 Atterram-se os Zagaes , e sobressaltam
 A destruida chossa mal compondo :

Toda esta aldêa timida se assusta ,
 Só Lerenó infeliz não se intimida
 De ver da Morte alçada a mão robusta :

Q' a lãa alma de desgostos combatida ,
 Muito mais q' o morrer , muito mais custa
 O pezo enorme da cançada vida.

Lerenó Selimantino.



S O N E T O .

M Irradas pernas , e mirrados braços ,
Tortas bocas , e esqualidas figuras ,
Perdidas da belleza as cores puras ,
Os olhos vivos se tornaram baços :

Já não póde réger aquelle os passos ;
Esta não póde as mãos erguer seguras ,
Assim vem a esquivar-se ás sepulturas ;
Q' a Parca lhe mostrou entre ameaços :

Huns se banham , e os outros forvem a água ;
Que parece aquecera o Deos ferreiro ,
Entre o enxofre da Trinacria fragoa :

Julga pois , com tal vista , e com tal cheiro ;
Que nojo , e dor , eu tenho , e por mais magoa ,
Suppoê-me sem saude , e sem dinheiro .

Lereno Selinuntino.



S O N E T O .

E U vivo ainda , ó Inclyta Lisboa ,
Meus dias volve ainda o fatal fuso ,
E as horridas Irmaãs os tem escuso
A' thesoira fatal , que perto sóa :

A Idade , q'entre mil desastres vóa ,
Leva meus annos a hũ montão confuso ,
E em triste conta vai marcar por uso ,
Com branca pedra os dias q'amontóa :

Eu vivo ainda : o tempo em q'ó Céo some
À conta dos meus dias , não tem marca ,
Ou enganou-se a forte com meu nome :

Nem comigo terá trabalho a Parca ;
Porque eu heide fnar-me ás mãos da Fome ,
Sem ter no Lethes com que pague a barca .

Levano Selibuntino.

SONETO.

DE myrrhadas *Perpetuas* amarellas ;
 Eu-vi as *Parcas* coroar-se hũ dia ;
 E a *Mangerona* fetida se via ,
 Q'era a planta , que ornava o peito dellas :

Cada huma das horridas *Doncellas*
Lethal Cipreste em sua maõ trazia ,
 De cuja rama , e *Murta* hũa tecia
 Aos seus sequazes lugubres capellas :

Ornado de *Alecrim* , rasgava o vento
 Ligeiro terno Amor gritante ,, acudo ,
 ,, A cantar desta planta o vencimento :

,, Reine em plana campina , ou Monte agudo ,
 ,, Pois no peito lhe deo sublime assento ,
 ,, A *Bella Marcia* , que he quem póde tudo .

Leveno Selinuntino.



S O N E T O.

Basta de Amores , minha Muza , basta :
 Não vez o Tempo como corre á pressa ,
 E com gello marcando-me a cabeça ,
 Loucos dias de amar de mim affasta :

Deixei o meu grilhaõ , já outro o arrasta ;
 E á ferida a Razaõ sarar começa ;
 He tempo que este fogo se arrefeça ,
 Basta de Amores , minha Muza basta :

Mas não me prives das mimozas flores ;
 Com que a velhice desta lira illudes ,
 Quando emparelha á de louçaõs cantores :

Precizo agora mais , que tu me ajudes ;
 Se eu deixo de cantar graças , e Amores ,
 Subo mais alto , e vou cantar virtudes.

Leveno Selinuntino.



AO ILL.^{mo} E EX.^{mo} SENHOR

M A R Q U E Z

DE CASTELLO MELHOR

No dia de feus annos.

S O N E T O .

N O Dia , em que teus dias começáram ,
As mirradas campinas florecêram ,
As arvores os ramos estendêram ,
Novo gôrgeio as aves entoáram :

Mangos Zefiros livres, pazeáram ,
Os rijos Aquilões se recolhêram ,
As virtudes do Céu em paz descêram ,
E o teu illustre berço bafejáram :

A's Parcas não se deo , como á mais gente ,
Urdir , tecer o fio á tua idade ,
Tomou a empreza a si Jove potente :

E unindo em ti dos teus a heroiçidade ,
Em teu peito arranjou brando innocente ,
Para exemplo dos mais a saã piedade.

Leveno Selinuntino

S O -

NO DIA DOS ANNOS
DA ILL.ma E EX.ma S.ra
CONDEC,A DE POMBEIRO.

S O N E T O.

C Ançada a natureza , ou preguiçosa ,
As suas perfeições nos escondia ;
E o que de antigas bellas se dizia ,
No Mundo era hũa historia fabulosa :

Eis que hũ dia se apresta gloriosa ,
A mostrar aos mortais quanto podia ;
Tu foste , sim tu és , Gentil Maria ,
Do seu poder a prova preciosa :

Co' as virtudes , co' as graças de mãos dadas ,
Em ti formou rarissima belleza ,
Que vence as outras tanto exageradas :

Mas qual será da Terra inda a pobreza ,
Se outras bellas não vem por ti moldadas ,
Q' o teu molde quebrou-o a Natutefa .

Lucrecio Selinuntino.

S O -



Ao mesmo assumpto.

S O N E T O . -

E Nfeitam Graças a formosa trança ;
Aviva Amor o Gesto gracioso ,
E o casto pejo o torna mais formoso ,
Quando mais rozas sobre a neve lança.

Foste de Illustres Pais , doce esperança ;
E's a consolação do Illustre Esposo ;
A' linda Prole , exemplo precioso ,
E's dos servos fieis a segurança.

Aos Pais , ao Esposo , á Prole , aos servos da'de ;
Foste , gentil Maria , concedida ,
A fazer tanta gente affortunada.

Ah ! seja a tua idade taõ cumprida ,
Q'em muitas gerações multiplicada ,
Seja lição da sua a tua vida.

Lereno Selimuntivo



SONETO.

C Ançado Pensamento , em paz me deixa
Respirar hum momento socegado ;
Affáz he tempo , em fim , que hum Disgraçado ,
Ponha termo ao seu pranto , á sua queixa.

Quando o frouxo Morféo meus olhos feixa ,
Naõ perturbes meu somno dezejado ,
Mostrando-me hum Rival afortunado ,
Que as armas contra mim entaõ desfeixa.

Naõ sejas tu tambem meu Inimigo ,
Se he possivel , permite qu'eu ignore ,
Ou m'esqueça huma vez do meu perigo.

Mas ày de mim ! por mais que ao Céo implore ,
O Céo me nega em ti hum doce abrigo ,
E faz que eu sem cessar suspire , e chore.

Albano Uliisiponense,



S O N E T O.

EM triste som de funebre Elegia ,
 Não he justo, meu bem, que a teus ouvidos ,
 Meus Versos outra vez tornem sentidos ,
 Inspirando cruel melancolia.

Assaz he hum motivo de alegria ,
 Serem por ti meus Versos attendidos ,
 Nem devem os meus lugubres gemidos ,
 Perturbar nossa paz , nossa harmonia.

Qualquer que seja a dor qu' est' alma opprime ,
 Alegre me verás , ver-me-has contente ;
 Pois não deves pagar o alheyo crime.

Já suffoco em meu Peito a magoa ingente ,
 E quanto pelos Olhos a alma exprime ,
 He lingoagem do amor que por ti sente.

Albano Uliſſiponense.

SONETO.

T Rez ramos de Cypó, Verbena, e Teixo,
 Eu ato nesta fita verde escuro;
 De Vibora, e Toupeira aqui misturo
 As cinzas, e no Altar de Hecate as deixo.

Trez vezes abro os Olhos, trez os feixo,
 Em quanto faço o tacito conjuro,
 Agora exploro a serie do futuro,
 Por ver o termo ao mal de que eu me queixo.

Attendei-me Tartareas Divindades:
 Serei acaso hum dia venturoso?
 Teraõ fim do meu bem as crueldades?

Mas vós me diz Pressago pavoroso,
 Que por premio das minhas anciadades,
 Com Alcina virei a ser ditoso.

Albano Uliſſonenſe.



A minha gratidaõ , minha ternura.

S O N E T O.

A Hum leve aceno dos seus olhos bellos ,
 Mil ternos corações Alcina rende ;
 C'um brando movimento os ata , e prende
 Na suave prizadõ dos seus cabellos.

Ora accende no peito mil disvellos ,
 Ora doce Esperança n'alma accende ;
 Ninguem aos seus encantos se defende ,
 Huma vez que chegou a conhecellos.

Tal he a graça , o garbo , a gentilêza
 Daquella que envérgonha em formatura
 A que Pariz fez ver maior belleza.

Se alguem crimina pois minha fé pura ,
 Alcina veja , e diga se he fraquesa ,
 ,, A minha gratidaõ , minha ternura. ,,

Albano Uliſſiponenſe.



SONETO.

M Aldito seja o dia, e seja a hora,
 Em que eu com distracção reprehensivel,
 Offendi o meu bem, mas Ceos! He crível,
 Que eu púdesse offender a quem me adora?

Não meu bem, minh'amada, inda até agora
 Meus vottos não quebrei, nem he possível,
 Que de ti me esquecesse; affaz vizivel
 He a chamma de Amor que me devora.

Se eu faltei por acazo á fé constante,
 De que mil juramentos te fizera,
 Perdoa-me, meu bem, por teu semblante.

Pois bem qu'ignore quando te offendera,
 Chamar-me Réo, mais quero nest' instante,
 Do que ver-te comigo tão severa.

Albano Ulisiponense.



SONETO.

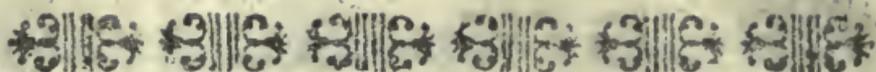
C Ançado d'esperar a luz do dia,
 Triste, e afflicto, meu bem, eu meditava,
 Taes couzas, minha idéia me pintava,
 Que o terno coração me consumia.

Em vão que tu me adoras eu dizia!
 A' minh'alma, que não o acreditava;
 E como que hum desastre m'esperava,
 Triste pranto nas faces me corria.

Chegou em fim a luz madrugadora;
 Eis ao prado sahindo, em breve instante
 Saudei anciozo a rubra fresca Aurora.

Depois erguendo a voz alti-sonante,
 O teu Nome invoquei, minha Pallora,
 E jurei de te amar, e ser constante.

Alvaro Ulisiponense.



En tive a gloria de beijar teu Nome.

SONETO.

NO tronco de huma liza faya , hum dia
 Teu Nome com destresa Amor gravava ;
 E contente da obra que acabava ,
 Sobre as letras , seus labios imprimia.

Que velassem aly de Noute , e Dia ,
 Aos Amores o Nume entã man-lava ,
 E tirando os farpões da eburnea aljava ,
 Entre elles por cautella os repartia.

Armada affim a Tropa voadora ,
 Temendo que eu ao tronco entã me affome ,
 Pertendia expulsar-me daly fóra.

Manda Amor , que o meu Nome se me tome ,
 Sou Albano , lhe disse , e sem demora ,
 „ Eu tive a gloria de beijar teu Nome. „

Albano Ulisiponense.

S O-



C'os olhos sempre fitos no regaço.

S O N E T O.

M Eu bem , que mal te fiz ? Porque motivo
 Tu commigo naõ és , qual d'antes eras ?
 Dize , que te fiz eu ? Faltei às véras
 De hum terno amor , qual sabes excessivo ?

Se o teu genio naõ he agora esquivo ,
 Porque foges de ouvir vozes sinceras ?
 Ou tu com outrem ser feliz esperas ,
 Ou canças-te de ver que alegre eu vivo.

Ay de mim infeliz ! se enternecer-te
 Naõ sabem já meus ays , rompa-se o laço ,
 Bem que falte o valor para perder-te.

Naõ queira o Ceo te eu sirva de embaraço ;
 Pois mais do que morrer , me afflige o ver-te
 „ C'os olhos sempre fitos no regaço. „

Albano Ulisiponense.



SONETO.

A O Reyno triste, onde não entra o Dia;
 Medonha habitação da cega Morte,
 O Tracio Orpheo, d'Euridice conforté,
 Euridice buscando, em fim descia.

Ao brando som da voz que ao ar erguia,
 Trifauce adormeceo, e em melhor sorte,
 Syzifo vio suspensa a penha forte,
 Vedados pomos, Tantalo comia.

Já cede á voz o Nume furibundo:
 E Euridice que morta aly baixára,
 De novo torna a vir á luz do Mundo.

Más eis que Orpheo olhando á Esposa chara;
 Se c'ò a voz a tirou lá do profundo,
 C'ò a vista a sepultou, d'onde a tirára.

Albano Ulisiponense.



A's ondas se lançou Ero formosa.

SONETO.

C Ançada d'esperar o terno Amante,
 Ero infeliz ao Ceo se pranteava,
 E como que o futuro adevinhava,
 Aqui, e aly corria delirante.

D' Aurora em tanto a face radiante,
 Nos mares pouco a pouco se espelhava;
 E á frouxa luz, ao longe se avistava
 Sobre elles hum Cadaver fluctuante.

A triste vacilava suspirando,
 Nos braços da incerteza suspeitosa,
 Athé que em fim se vai defenganando.

Então exasperada, e lacrimosa,
 Do Charo Esposo os manes invocando,
 „ A's ondas se lançou Ero formosa. „

Albano Ulisiponense.



S O N E T O.

SE a mente arrebatada aos Ceos levanto ;
E do Olimpo contemplo a immensidade ;
Se dos Astros observo a variedade ,
Que ora gosto me causão , ora espanto :

Então louvando a mãe que pode tanto ;
Adoro a sacrosanta Magestade ;
E cheyo de respeito , e de humildade ,
Bem qual outro David , mil Hymnos canto.

Mas se olho para o mundo entre agonia ,
Eu choro o ver que a fragil natureza ,
Vai de mal a peor de dia em dia.

Geme o sabio nos braços da pobreza ;
Despreza-se a virtude , e em companhia
Da Ignorancia , e do Vicio , anda a riqueza.

Albano Ulisiponense.



Morrendo ás maõs cruentas da saudade.

SONETO.

L Ifongeiras Imagens de alegria ,
 Em torno da minh'alma revoavaõ ;
 E ora os gostos futuros me mostravaõ ,
 Ora aquelles que em paz eu possuia.

Após hum dia bom vinh'outro dia ;
 Placidamente as horas se passavaõ ,
 Nem palidos Receyos me turbavaõ ,
 No silencio da Noute escura , e fria.

Mas duravel naõ foi tanta ventura ;
 Amor , tiranno Amor , sem ter piedade ;
 Funestou minha dita mal segura.

E por dar-me continua adversidade ,
 Me faz gemer nos braços d'amargura ,
 „ Morrendo ás maõs cruentas da saudade. „

Albano Ulisiponense.

S O-



Chegou tarde o remedio da ferida.

S O N E T O.

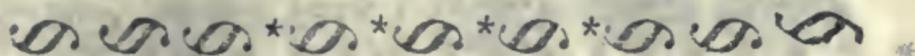
A Força de lutar co' a desventura ;
 Ao termo incerto Albano em fim chegava ;
 Reger os passos inda , em vaõ tentava ,
 Nem seus olhos já viaõ a luz pura.

Marilia bella mais que as penhas dura ;
 Por quem sem premio Albano suspirava ,
 Ao ve-lo moribundo lhê bradava ,
 Ou fosse compachão , ou já ternura.

„ Espera infausito Amante , eu te socorro ;
 „ Se o meu rigor te acaba a infausita vida ,
 „ A salvar-te da morte , ancioza corro. „

Eis Albano com voz interrompida ,
 Assim lhe respondeo : Ingrata eu morro ,
 „ Chegou tarde o remedio da ferida. „

Albano Uliſſiponense.



Em dobrados grilhões preza , e segura.

SONETO.

HA' no Averno hum lugar medonho, e horrendo ^{(do;}
Só para os delinquentes destinado ;
Flagetonte aly corre abraçado ,
As flammivomas ondas revolvendo.

De hum lado as Furias trez em raiva ardendo ;
As Serpes arrepeλλά do toucado ;
Os Remorsos , e as larvas de outro lado ,
Revoaõ negras azas debatendo.

Neste citio onde impera hum Deos proscripto ;
De asperrima , e pesada catadura ,
Medéa aos Céos , levanta inutil grito.

Foi Mãy. cruel , injusta , fêra , e dura ;
E por castigo está do seu delicto ,
„ Em dobrados grilhões , preza , e segura. „

Albano Ulisiponense.



Naõ foy só para mim , que o Céu fez isto.

S O N E T O .

N Ovamente , meu bem , a minha lyra ;
Confagrada á verdade , e á fingeleza ,
Eu me atrevo a pulsar ; tua belleza
He o assumpto brilhante que me inspira.

Mas primeiro , que as aureas cordas fira ;
Louvarei ao Author da natureza ,
Que taõ bella te fez , e á gentileza
Do corpo , alma sublime , e nobre unira.

Juntando em ti virtudes soberanas ,
Deo ao Mundo hum exemplo nunca visto ;
De novas graças , graças sobrehumanas.

E em te amar ó Alcina inda prefisto ?
Ah ! se tu minha idéya naõ me enganas ,
„ Naõ foy só para mim que o Ceo fez isto . „

Albano Ulisiponense.



Nas mãos de Amor , nos braços da Esperança.

S O N E T O.

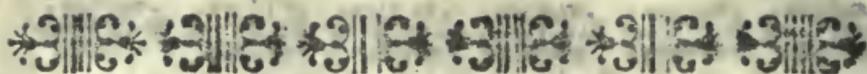
Formosa Nynfa com fingido agrado ,
Mil vezes me jurou a fé mais pura ;
Porém , qual Sol d'Inverno que não dura ,
Assim o seu Amor foy eclipsado.

Da falcidade atroz dezenganoado ,
Chamei-lhe Ingrata , Perfida , Prejura ;
E jurei , que outra alguma formosura ,
Nunca mais roubaria o meu cuidado.

Foi meu protesto em vão , que a minha estrella
Invejosa de ver-me em tal bonança ,
Mostrou-me por meu damno Alcina bella.

Então varrendo as juras da lembrança ,
Entreguei-me de novo , e sem cautella ,
Nas mãos de Amor , nos braços da Esperança.

Albano Ulisiponense.



SONETO.

EM meyo estava a Noute, e a vez terceira ;
 De hum Gallo negro o canto se escutava ,
 Quando para os prestigios preparava
 Diversas plantas, velha feiticeira.

Trez vezes ao calor de huma fogueira ,
 Trez viboras , fatidica tostava ;
 E outras tantas comfigo murmurava
 Misterios , invocando a fugie inteira.

Co' a esquerda maõ na Terra descrevendo
 Trez circulos , trez vezes lhes cuspia ;
 Eis surge da fogueira Espectro horrendo.

„ Propicio! agouro! a Maga-entaõ dizia :
 „ Albano que de Amor anda morrendo ,
 „ Com Alcina vai ter doce alegria! „

Albano Ulisponense.

SONETO.

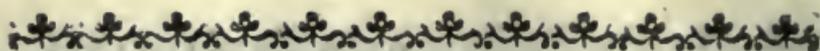
MEntes Lemano, a minha Celia amada ;
 Não he quem julgas, tenho melhor gosto ;
 Contempla esta pintura mal traçada,
 Verás o engano, do que tens supposto.

Aureas madeixas tem, fronte nevada,
 Olhos escuros, agradavel rosto ;
 Boca gentil de perolas orlada,
 Collo de leite, e purpura composto.

He grata, esperta, affavel, carinhosa,
 Meiga no gesto, no fallar singella ;
 Cheya de encantos, delicada, airoza.

Os signaes aqui tens da minha bella ;
 Vê se a que dizes, para mim odioza ;
 Pódes acazo comparar com ella.

Belmiro Transagano.



SONETO:

NÃO te comprehendo , coração mavioso ;
 Por Jônia ingrata , amante inda palpitas ?
 Ao mesmo tempo , que fiel me gritas ,
 Que horror lhe tenha para ser ditoso !

Se afrouxo os laços , a carpir saudoso ,
 De novo a amala , com razões me excitas :
 Se m' inflammo em amor , todo te agitas ,
 E aveſto fim me auguras lacrimoso .

Ah ! do letargo em que te vez desperta ,
 Olha que cego ao precipicio corres ;
 Deixa a cruel , do jugo te liberta .

Mas' que expiras me clamas ! bem discorres !
 Em tudo , em tudo és meu : se a morte he certa ,
 Morre adorando , que ditoso morres .

Belmiro Translagano.



S O N E T O .

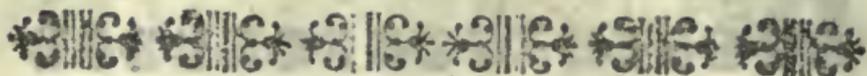
NO feyo desta fria sepultura,
Jaz Lelia , a linda Lelia sepultada ;
Em terra convertida , em pó , em nada ,
A graça , a discripção , a formosura.

Pelo braço cruel da Morte dura ,
Ao mundo em fresca idade foy roubada ;
E como era dos Ceos , aos Ceos levada ,
Foy entre Cherubins sua alma pura.

Ah ! se os meus eccos podem commover-te ,
Espirito feliz , no Olimpo tanto ,
Onde entre os Anjos , Adonar quer ter-te ;

Põe termo ao pezar meu , porque entre tanto ,
Que a Deos não rogas , que me suba a ver-te ,
Este sepulchro regará meu pranto.

Belmiro Translagano.



S O N E T O.

T Into de sangue por brazaõ mostrava ;
Cupido hum ferro , que nas maõs trazia ,
Com que de Celia traspallado havia
O peito esquivo , que a Fereza armava.

„ Este que illustra minha eburnea aljava ;
Cravei na Ingrata „ para mim dizia ;
E eu duvidozo da expressaõ que ouvia ,
„ Como a feriste ? Ao Nume perguntava.

Mas o Tiranno de affligir sedento ,
Indo travesso a figurar o tiro ,
Sem dó me fere e'o farpaõ cruento.

Foge-me d'alma a Celia hum vaõ suspiro ;
E alegre o falço , de meu mal violento ,
Eia „ me torna „ foy assim Belmiro.

Belmiro Translagano.



S O N E T O.

C eos ! qu'implacavel horrida figura ;
 Destas campinas , cruel posse toma ,
 De enorme vulto , viperina coma
 Faiscantes olhos , torva catadura !

Ponte-agudo Punhal na mão prejura ,
 Goteando sangue , com terror lhe affoma ,
 E em ferreo carro hias Furias doma ,
 Prole cruenta lá da Estigie escura.

Ha a Discordia , que os Mortaes debella ;
 Os passos segue da Illuzão ferina ,
 E os Odios affanhando nos flagella.

Mas eis lá desce em nuvem cristalina ,
 Santa Verdade ; foge o Monstro ao vella ,
 E aos nossos campos volve a Paz divina.

Belmiro Translagano.



S O N E T O.

Quatro vezes na Ecliptica brilhante ;
 O Sol tem dado a circular carreira ,
 Depois que , linda Analia , a vez primeira
 Vi teu rizonho , teu gentil semblante :

Desde taõ grato , venturoso instante ,
 Minh'alma de teus olhos prelozeira ,
 Por influxo da forte lisongeira ,
 Colheu premicias de teu peito amante :

Milhões de vezes por mercê do Fado ;
 Espertos Argos temos illudido ;
 E horas furtivas de prazer logrado.

O Céu nos chegue ao prazo appetecido ;
 De alegres ver-mos , que Hymineu sagrado ;
 Nos doura os laços , que tramou Cupido.

Belmiro Transagano.



M A D R I G A L.

I.

Deichei por falça Armania desdenhosa ;
 Amei Natercia dura ,
 Que foy também prejura ;
 Mas era mais que Armania em tudo linda ;
 Depois Lilia adorei , mais bella ainda ,
 Deixei-a por traidora :
 Marilis amo agora ,
 Que a todas na belleza se realça ;
 Porém se em falta della ,
 Heide ter para amar outra mais bella ;
 O Ceo permitta que me seja falça.

Bélmir. Transf.

II.

Quando mais terno a Lilia idolatrava ,
 N'um dia em que o meu gado apascentava ,
 De repente vi mortas duas rezes ;
 Corvo sinistro ouvi grafnar trez vezes.
 No cypreste do rayo denegrado :
 Temi , do fero agouro persuadido ,
 Ver fogo no Casal , rónha no Gado ,
 Ou outro algum successo desgraçado :
 Porém não foi assim : Tive a ventura ,
 De achar Lilia cruel nos braços de outrem ,
 De riscar da lembrança huma Prejura.

D

Belm. Transf.

F III.

Avonios lisongeiros ;
 Qu'espalhais meus suspiros nestes vales ;
 Correi , correi ligeiros ,
 E á dura Jonia repeti meus males ;
 Dizei-lhe as crebras dores ;
 Qu'excitaõ na minh'alma seus rigores :
 Mas ah triste de mim ! vós illudidos
 Levais ás broncas penhas meus gemidos !
 Reparai que o meu bem , Jonia inclemente ,
 De pedra naõ he toda , tem de pedra ,
 O coraçã sómente.

Belmivo Translagano.



DE



DESAGOGO DO ESTRO.

Já fático de forçar vãmente
 Aferrolhadas portas do Futuro ;
 Cançado de espreitar por varias fendas
 O que o Tempo por vir me tem guardado ;
 Surgir vejo o Phantasma do possível ,
 Q'ora se apouca , e ora se agiganta ;
 Sinto o pavor , que vai calando as veias ,
 E aqui me prende o sangue , alli o agita ;
 Ah ! quer fugir de mim minha alma afflicta :

Armania , Armania . . timido eu clamava ;
 E os soluços a rouca vóz cortando ;
 Só arma , arma . . pelo ar soava ,
 E o Echo o triste som hia alongando :
 Não sei se mais me affusta a infeliz troca ;
 Que faz perder teu nome em minha boca .

Mas graças a Morfêo co'a plumbea vara
 O meu corpo tocou , e as dormideiras
 Espremeu nos meus olhos affustados :
 Cerraõ-se frouxamenté á luz do dia ,
 E afracando-me os pés , falhando o passo ,
 Já na terra baquêa o corpo lasso .

Outra vez a Morfêo as graças rendo ,
 Q'arranjando a revolta Phantasia ,
 Faz q'em torno de mim ledos risonhos ,
 Voem alegres lifongeiros sonhbs :
 Vem com elles em placida mistura ,
 Vivificas voluveis esperanças :
 Qual me mostra a Abundancia bem de perto ,
 Q'a mão estende , e sobre mim entorna
 O seu torcido cofre , nunca exaustto ;
 Qual me faz ver q'o meu merecimento
 (Quanto se alegra esta alma com tal vista)
 Cresce de dia em dia , e vai subindo
 A' sombra do alto Trono , q'o escuda ,
 Dos raios que fulmina a ardente Inveja ,
 Ah seja embora assim , sempre assim seja .

Quem avalia a confusaõ q'eu tive ,
 Ao ver o lindo rosto da Ventura ,
 Na sonhada phantastica figura ?
 Armania , Armania , viste-me risonho ,
 He q'eu vi a Fortuna , mas foi sonho .

Pareceo-me que o Templo seu me abria ,
 Que tu a elle mesmo me guiavas ,
 Q'inclinando-se meiga , já me ouvia ,
 Q'a sua protecçaõ tu me entregavas ,
 Q'a poderosa mão ella estendia ,
 E que de onde eu jazia , ella me alçava .
 Já quasi entrava as portas da Fortuna ,

Eis subito se ergueo vapor espesso ;
 Para aqui vou errado , alli tropeço.

Por entre a nuvem adiante opposta ;
 O Templo eu vejo , as portas vejo abertas ,
 Lá vejo os bens , que para mim pedias ,
 Não he longo o caminho , o altar he perto ,
 Mas se Armania me deicha , eu não acerto.

Armania , Armania , acode-me : que monstro
 De orelhas azininas , larga boca !
 Não tem , não tem mais horridos latidos ,
 O rouco ladrador das tres gargantas.
 Cruel Maledicencia , affim se avança ,
 Vomita em mim o infernal veneno ,
 O' triste sorte do infeliz Lereno.

Porq' ajusta co' a lira alegres versos ;
 Q' o louvor dos Heróes alçam ás nuvens ;
 Ou com as graças entre as Ninfas brincam ,
 He esta a culpa infanda , he este o crime ;
 Porq' o monstro cruel o morde , e opprime.

Não quero revolver alheios fastos ;
 Tu mesmo ó Portugal , tu por mim falla ;
 Mostra o Grande Moniz junto ao teu berço ,
 Fazendo na lingeage inda grosseira ,
 Rirem as graças , castas Musas rirem.
 E salva a Guimaraes , cumpre a palavra ,
 Não envolve o vil pó sua memoria ,
 A fama canta ainda a sua gloria.

Del

Deicha q' affome á Lusa Magestade ;
 E os seculos passados desenvolva ,
 Mostrarei maõ real , que teve o sceptro ;
 E á lyra eburnea accommodou o plectro :
 Co' a arte de reinar mesclam esta arte ,
 Providente Diniz , sabio Duarte.

Guardam as Musas os bastões , e as togas ,
 De illustres Portuguezes , q'educáram ,
 E ao Templo da Memoria em fim leváram :
 Guardam-lhe as Mitras , guardam as Tiaras ,
 O devoto saial , o burel tosco ,
 E os hymnos , que do ermo ao Ceo subiram ,
 Inda entre nós por sua gloria giram.

Cal-te ó monstro infiel , monstro malvado ,
 Eu indigno não sou , sou desgraçado ,
 Q' he isto ? O' Ceos ! desmaio : espectro novo !
 Gorro eniplumado o rosto seu me oculta :
 Pende dos hombros remendada capa ,
 Já com poucos botões prende o justilho ,
 Ata-lhe velha fita as fofas calças ,
 Rotos pantufos , mal ferzidas meias !
 Q'he isto ? O sangue ferve-me nas veias.

Huma espada , fobraça , longa , e larga ,
 E pende-lhe á direita a aguda adarga :
 Pede em çuja escudella o seu sustento ,
 E em quanto espera a promettida esmolla ,

Do irfuto peito tira , e defenrolla
 Grosso volume em que ateimado escreve ;
 As armas , e os varões affignalados ,
 O' versos tristes , versos desgraçados :

Eis q' a triste viſaõ desaparece ,
 Armania , Armania entendo a minha forte :
 Mas naõ importe , Armania , naõ importe ,
 Nasci Poeta , em vãõ será cançar-te ,
 Soffro o meu Fado máu , nada mais peço ;
 Eu tiro hũ bem da minha desventura ,
 O Ceo modera , ao Ceo pois o agradeço.

Deo-me a arte divinal , a feliz arte ,
 De eternizar mortais , de eternizar-re ,
 E posso na Pieria companhia ,
 Salvar das mãos do Tempo o digno dia ;
 Que te deo hũã Irmã , tanto Irmã tua ,
 Vou segurar tua memoria , e a sua ,
 Morro vaidoso ainda ás mãos da fome ,
 Q' immortalizo os outros , e o meu nome.

Lereno Selinuntino.





DYTHIRAMBO

AOS ANNOS DE CASSIDRO;

DE meus Versos inclitos,
A falange harmonica,
Hoje escolto impavido;

Tu Niseo benevolo
Lhe arma as dextras validas,

De mil settas fulgidas,

D'harmonia insolita;

E o brilhante exercito,

Com vicosos pampanos,

Todo coroadado,

Por mim commandado,

Acosse,

Destrosse,

Flagelle,

Debelle,

Sobpée,

Golpée,

As catervas múrcidas,

Dos mais versos infimos;

Qu' intentarem perfidos,

Com seus echos turbidos,

Profanar este dia aventurado,

Consagrado,

De Casidro aos faustos annos.

De

Confunda-se; pasmem-se, abismem-se;

De ouvir-me os humanos.

Que prazer! Do licor espumoso

De Borgonha, do Rheno famoso,

Libarei tantos copos gostoso

Quantos annos conta

Cafidro facundo,

Com' pasmo do Mundo:

Evohe! Que suprema alegria

A minha seria,

Se agora Cafidro mais annos tivera,

Que os annos pezados,

Que opprimiaõ os hombros cançados,

Do Filho de Chlori que Pyli regera;

Porque entã á vontade me enchêra

Do licor divino,

Que segrega d'alma

O Pezar ferino.

Eis amigo, começo a brindar-te.

Se as mãos dadivosas

Da errante Ventura

Me não enchem de bens que offertar-te,

Mil saudades aceita famosas

Por brilhante gentil colgadura.

Licor corado,

Naõ quero agora;

Venha desse alambreado,

Que dá gosto, que vigora

Os membros tremulos,

Que presta espiritos,

Que

Que aos frios animos
Dá novo ardor.

Evohe ! Que suave licor !

Tu não és mais grato Amor ;

Tu não tens maior doçura ,

Quando entre os braços

De Laura bella ,

Com forçosos doces laços ;

O meu peito unindo ao della ;

Me desfazes em ternura

O mavioso coração.

Mas que nuvem ligeira globosa

No seyo me encerra !

Eis me ergue da terra ,

Sobre o dorço dos ventos possantes

Thé à orbita de Herschel famosa ,

E mais d'Hell as tres celicas plagas.

Malezieu , Leeuwenhoèk

Qual de vós me empresta agora

Hum dos vossos claros vidros ,

Já que subo á eterea abobedá ,

Quero ver se o astro fulgido ,

Tem as fuscas tristes maculas ,

Que lhe achára o trefe Scheinero ;

Se lhas vir , por Bacco o juro ,

Apago-lhas , tiro-lhas ,

Para mais brilhante , e puro

Este dia illuminar.

Vinolencia não he , mil Soes diviso ;

Eis canjo além dos Orbes ;

Eis

Eis toco a azul esféra :
Nuvem luzente
Hum pouco aspera ;
Deixa primeiro que engrinalde a frente
Da rama frondente
Em que Cyffo danfante affamado ,
Foi na morte , por Evio , tornado.
Consente que este almude
De grata Malvasia ,
Eu beba hoje á faude
De taõ ditoso dia ;
E que nas cordas de ouro
Da minha branda Lyra sonora
As virtudes entoe de Cassidro.
O' nuvem presturosa ,
Aonde me puzeste ?
He este , dize , he este ?
Das esquivas Cytherides ,
O monte esplendido , celebre , ingreme ;
A quem de balde
Subir intentaõ
Mil enfunados vaidosos humanos ,
Onoerotalos de canto sinistro ,
Que misturar-se pertendem nos córos
Dos Cysnes canoros
Do manso Caystro ?
Ah quanto o Sagrado
Brizeu me protege ,
Lá vejo sentado
De çafiras n'um Trono brilhante ,

O Nume que o rege
 A luci-rorante
 Carroça do Dia.
 Ao dextro lado
 Tem coroado
 De immarecível louro verdejante
 Cassidro facundo ,
 Que a tubi-sonante
 Aurea Fama eterniza no mundo :
 Ledas as Camenas
 Cantão á porfia ,
 Gratas Cantilenas ,
 A seu ditoso , natalicio Dia.
 O' tu Caliope , Delfica , harmonica ;
 Sabia Nynfa que presides
 Ao supremo grato Coro ,
 Das venustas Libethrides ,
 Manda calallas ,
 Manda deixallas
 As brandas Lyras ,
 Os Alaudes ,
 Porque hoje arrego ,
 Abrasado no Bacehico fogo ,
 O prazer de eantar-lhe as virtudes.
 Venhaõ dez , cem , trinta almudes
 Do gageiro nectar louro ,
 Que produz o patrio Douro ;
 Aureo sumo placido ,
 Que do peito gelido ;
 De Britano astuto ,
 Do Belga versuto ,

Degrada ,
A fera ,
Pesada ,
Severa ,
Malvada ,
Tristeza ,
Cruel.

É que a gente aquilina que piza

As Terras fecundas ,
Que o Dravo ameniza ,
As magoas espanca ,
E d'alma lhe arranca
Pel as azas tremulas

O palido , tímido , atonito ;

Frio susto arrepiado ,

Que lhe gera o macerado ,

Othomano perfido ,

Com falanges barbaras ;

Com perfidias horridas ,

Invazões terrificas.

Peian ! Que gloria meu Peito repassa !

Esta bojuda taça ,

Formosa , cristalina ,

Do Bacco apreciavel

Da Lesbica Mithina ,

Bebo de hum gollo :

Vaidoso Apollo

Vem commigo competir ,

Que de ti me quero rir.

Sim , que hei de ver ,
 Se eu a beber ,
 Tu a cantar ,
 Me hasde igualar.

Mil bens , mil graças chovaõ
 Em ti famoso Dia ,

Já mais possaõ roubar tua alegria ,
 Serrados nevoeiros ,
 Glaciferos chuveiros :

Nunca do rouco troador Trovaõ ;
 - Oißas triste , e pavido ;
 Ribombando o crepito ,
 Nos rochedos concavos ,

Quando açoitadas por feróz tufaõ ,
 Ruem as rotas , glomeradas nuvens ;
 Vibrando contra a lamentosa terra ;
 Tri-farpas settas de azulado fogo.

Mas que chusina aligera ;
 De Meninos trefegos ,
 Ante mim revóa ?

Hydra virolenta ,

Que assanhada com filvos medonhos ,
 Investir-me intenta ,

Entre si presa trazem risonhos :

Ah bem vos conheço

Meninos traidores ,

Vós fois os Amores ,

Flagelo da gente ;

Essa dira escamosa serpente ;

He a perfida triste Lembrança ;

Das traições, tirannias, rigores,
De Jonia prejura.

Xou pequenos voadores,
Naõ venhaes neste almo Dia
Perturbar minha alegria.

Colhei mirtos, colhei flores,
Enlaçai verde capella,

E com ella,
Adornai a fronte-linda:

De Theorinda
Virtuosa,
De Cassidro cara Espôsa.

Vai loução Ganimedes folicito,
Traz-me rapido

Da pingue Malaga,
O licor trimo,

Que prézo, e estimo
Tanto,

Quanto,

Prézo da minha encantadora Analia

Os beijos furtivos,

Os ternos agrados,

O rosto jocundo,

O genio amoroso,

Os olhos fulgentes,

Por quem sou no Mundo ;

O mais venturoso,

Dos ternos viventes,

Que servem a Amor.

Que lautissimo, doce licor!

Cem, trezentas formosas luzinhas

Kouxas, verdes, c6r d'ouro, encarnadas,

N6o vejo apressadas

Pelos ares dispersas vagando?

Eis os copos ligeiros dançando!

A casa de roda!

Th6 a gente, que vejo anda toda;

Ora aqui, ora aly baqueando.

Oh Nictyleu,

Quanto he potente;

O licor teu!

S6o felizmente,

Eu lhe resisto!

Mas que fazes? Oh Numen! Que he isto?

N'altiva frente

P6es-me d'Hermes o alado Galero;

Commigo taes graças,

Epafio n6o quero;

Eis maligno outro damno me traças!

A cabeça dos hombros me tiras,

Aos ares ma levas,

E os Orbes mil vezes com ella regiras!

Se eu fora de Phoro,

A filha malefica,

Anguicoma rabida,

Que do horrivel Orco

As entranhas defende severa,

A gente dissera,

Que tu Bassareu,

Eras o louco , atrevido Perseo:

E bem feito este alevia seria ,

Já que fazes de mim zombaria:

Mas Numen preverso ;

Se não me consentes ,

Encher o Universo

De affombro , d'espanto ,

Co' as vozes cadentes ,

De meu ledo canto ,

Ao menos Oreo

Como deste afflicções inclemente ,

Co'as tiranicas rabidas Tyades

Ao sacrilego sobrio Phanthéo ,

Castiga ,

Fustiga.

C'o Thyso frondente:

A todo o vivente ,

Qu' intente

Depois de eu callado ,

Sem respeito a meu estro sagrado ,

Os famigeros annos ditosos

De Cassidro tambem decantar.

Se este gosto me cumprires

E a cabeça orbi-vagante

Outra vez me reçarcires ,

Com vermelho ledo rosto ,

Juro ao Ceo , ao Ceo brilhante

De fazer-te a honra , o gosto

De o teu nome celebrar.

Belmiro Translagano.



IDYLIO MAGICO.

N Um bosque tenebroso emmaranhado,
O terno moço Elvandro se envolvia,
D'implacaveis ciumes flagelado.

Nas penugentas faces lhe corria,
Pela falça Nicéa, amargo pranto,
Que de ouvillo gemer, vaidosa ria.

Da Noute horrivel o medonho masto
Enchia a terra de temor profundo;
De Aves synistras se escutava o canto.

Bramia o rouco vento furibundo,
Do poente o Ceo nublozo fusilava,
De grossa nevoa se cobria o mundo.

Entaõ medroso o terno Elvandro, entrava
Por huma triste lobrega caverna,
Onde o Mago Fascino se alvergava.

Frouxo claraõ de funebre lucerna,
Globos, ervas, reptiz lhe descobria;
Instrumentos da magica superna.

Banhado em pranto , cheyo de agonia ,
 Aos pés do Pythonisa macilento ,
 O triste a causa do seu mal dizia .

Torcendo os olhos o escutava attento
 O sombrio agoureiro , e lhe affirmava ,
 Que fim teria seu cruel tormento .

Do sinuoso alvergue se apartava ,
 E d'alva Trivia ás luzes duvidosas ,
 Comfigo altos misterios recordava .

No entanto Espectros , larvas espantosas ,
 Negros Lemures , fogo respirando ,
 Surgem das seccas moitas pavorosas .

Vóz não reqôa , põe-se o vento brando ;
 Vai pouco e pouco á vasta ferrania ,
 Hum profundo silencio adormentando ,
 E o Mago desta sorte principia .

Com esta vara de cervino trevo ,
 Cortada à meya noite em minguante ,
 Trez circulos concentricos descrevo ,
 Déz tangentes lhes tiro , huma secante :
 Onze vezes agora encarar devo ,
 Da fria Lua o palido semb'ante ,
 Com vivas preces , oblações misturo ,
 Triforme Deosa , attenie ao meu conjuro .

De novo ás Féras deste bosque amento ;
De venenos lethaes componho hum misto ;
A terra firo , cruzo o firmamento ,
E d'alva Pomba o coração registo :
Dou vista ao velho lobo turbulento ,
Que depois que o ceguei , tem Phebo vislo ,
Dez vezes hum coluro , e outro coluro :
Triforme Deosa attende ao meu conjuro.

Eu pude á força das palavras minhas ,
Matar a velha feiticeira Ecata ,
Que ás gargalhadas entre acezas pinhas ,
Cruzava os rios , convertida em Pata ;
E a vesga Brucha Gorla , que ás velinhas
Os tenros Filhos enfarilha , e mata ,
Dei vida , revoquei do Averno escuro :
Triforme Deosa , attende ao meu conjuro.

Possa tambem meu filtro poderoso ,
Roubar hoje a Nicéa , Gil dos braços ,
E entre elles pôr Elvandro desditoso ,
Que illesos beija seus amantes laços :
A's Deidades do Reyno pantanoso ,
Assustem meus encantos , e ameaços ;
Trema Thetis no mar , nós Ceos Anxuro :
Triforme Deosa , attende ao meu conjuro.

Depois que abraço a myrrha em cinco lumes ;
 Sobre o fino-samaõ descripto ás canhas ,
 Nesta fitale o ferro de trez gumes ,
 Trez vezes cravo , e tiro-lhe as entranhas :
 Desfeitos sejaõ teus crueis ciumes ,
 Como no fogo lhe desfaço as banhas ;
 Ditoso vejas teu amor futuro :
 Triforme Deosa , attende ao meu conjuro.

Bem como esta Betilia encantadora
 Pula aos ares , e cahe no chão tremendo ,
 Pule , e tremia no peito da traidora ,
 O falço coração d'ancias morrendo :
 O ramo do verbasco accendo agora
 Na pedra Apfitos , e igualmente accendo
 Entre os dous , mil discordias , odio puro :
 Triforme Deosa , attende ao meu conjuro.

Agora envolvo o peçonhento sapo ,
 Na barba negra do Lidroso Bode ;
 Tapo-lhe os olhos , e á Tiranna os tapo ;
 Já Nicéa cruel , ver Gil não pôde :
 Sequei , mohi do branco Mocho o papo ,
 Eis os póz , tu por cima lhos saccode ;
 Tal filtro abrandá o coração mais duro :
 Triforme Deosa , attende ao meu conjuro.

Assim como dissipa o subtil vento
 O fumo do Zacoum, que estou queimando;
 Se dissipe á cruel do pensamento
 Do teu competidor o aspecto brando:
 Retorso (que assim ambos atormento)
 Da Ursa a cauda, que arranquei fitando
 O olho esquerdo no chuvoso Arturo:
 Triforme Deosa, attende ao meu conjuro.

Trez folhas de Serpol nas mãos estallo;
 Tu estalla outras tantas de Amoreira,
 Antes que o negro espantadiço Gallo,
 Bata as azas, e cante a vez treceira:
 Dize agora: De mil saudades rallo,
 Nicéa esquiva; e ralla esta Toupeira,
 Que pelo esquerdo pé, na mão seguro;
 Triforme Deosa, attende ao meu conjuro.

Do bicudo Toucan, da verde Rella,
 Que abrazei com enxofre, as cinzas lanço
 Na cabeça da Vibora amarrella,
 E em fuma aqui lhe esmago este licranço;
 Veneficio tão forte, á Nynfa bella,
 Que he tão falça, e que rouba o teu descanso,
 Fará de cera o coração prejuro:
 Triforme Deosa, attende ao meu conjuro.

O Phelonio , a Mandragora , o Dictamo ;
 Queima em fima do feto com sementes ;
 E em quanto a chamma ondêa , piza o ramo
 Co'esquerdo pé descalço da Nepentes :
 Por mim , dize , de amor arda quem amo ,
 Pizar possa afflicções , zellos ardentes ;
 Em quanto eu certas orações murmuro :
 Triforme Deosa , attende ao meu conjuro.

Neste olho meio azul de branco Touro ,
 Na conjunção de Aldebaran tirado ,
 C'os dentes crava o páu do funxo louro
 N'agua do Merrha , e do Silon banhado :
 Se o vires botar lume , he fausto o agouro. . .
 Mas eis s'inflamma ; foy propicio o Fado ,
 Nicéa he só teu bem , fica seguro :
 Trina Deosa , attendeste ao meu prejuo.

Callou-se o velho augure , e pressuroso ;
 Na esquerda o lituo vezes trez erguendo ,
 Mil prestigios explora jubiloso.

Troou terrivel hum Trovaõ tremendo ;
 E presa d' improviso em doces laços ,
 Se vê Nicéa votos mil fazendo ,
 Do terno Elvandro nos ditosos braços.

Belmiro Trançagano.



O DESPRESO PUNIDO.

N O mel do Hyméto , e na Accidalia fonte ,
Plumosa , fétta de donrado gume ,
Amor banhava ;
Depois as azas pressuroso abrindo ,
Os ares fende ;
A traz deixando , luminoso sulco ;
Bem qual acceso , orbicular cometa ,
Que a cauda alonga .

Cantando alegre , dirigia o voo
A' pobre Aldéa , e á cabana pobre
De Tirce bella :
Em paz a Nynfa , dormitando estava ,
De susto albeya ;
A trança de ouro lhe descia ao collo ;
No curvo braço recostada tinha ,
A nivea fronte .

Baixando á terra , lisongeiro pára
Aos pés de Tirce , o vencedor dos Numes ;
E o arco atteza :

A farpa de Ouro , e'um sorriso grato ;
D'aljava tira ;

E qual acerta , Caçador perito ,
Assim no esquivo alabastirino Peito,
Amor lhe acerta.

Acorda a Nynfa , ao trespassar do ferro ;
O quente sangue em borbotões surgindo ,
Lhe tinge o seyo :

Hum ay sentido , o coração rasgado ,
Ancioso exala ;

Pelo ar se crusaõ , dolorosos gritos ;
E o pranto amargo , que dos olhos verte ,
Lhe alaga o rosto.

A voz soltando , em lastimosa queixa ,
Prorrompe afflicta , contra Amor tiranno ,
Que assim a fere :

Vingança pede ; mas o Ceo não ouve ,
A voz magoada ;

E apennas Echo , solitaria , e triste ,
No fundo seyo , do vesinho Bosque ;
Os ays repete.

Amor que o estrago , do seu golpe observa ,
E tem segura , a desdenhosa Nynfa ,
Assim lhe falla :

„ E's tu aquella , que insultou meu nome ,
„ E de mim ria ?

„ Porque não zombas , como já fizeste ?
„ Sou eu agora , mais cruel , ou forte ?
„ Sou outro Nume ?

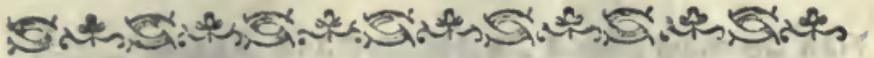
„ Ahy tens o premio do fallar soberbo ;
„ Ahy tens o fructo , da izençaõ passada ;
„ Agora geme. „

Entaõ cortando , novamente os ares ,
A terra deixa ;

E á selva Idalia , donde a Mãi o espera ;
Chegando ledo , lhe narrou gostoso ,
O seu triumpho.

Albano Ulisiponense.





ODE SAFICA.

EM quanto o espaço dos desertos ares ,
 Triforme Deosa , de argentino rosto ,
 Seguindo a larga orbicular carreira ,
 Placida mede :

Nas leves azas do desejo acezo ,
 A mente elevo , e deregindo o voo ,
 A' porta chego da engraçada Armania
 Candida , e bella.

Eis entro , e observo o Divinal Semblante ;
 Por quem no peito o coração palpita ;
 O quente sangue , nas roucheadas veyas ,
 Fervido pula.

He ella , he ella , naõ me illude a mente ;
 Os garços olhos , o meneio airoso ,
 Ah saõ de Armania , que sorrindo mostra
 Perollas raras.

Eburneo collo d'esfremada alvura ,
 Eu vejo , eu vejo ; quanto ao Jaspe excede ?
 Té Cypria mesmo , de tal ver sentira
 Rabida inveja.

Naõ

Não he mais linda , a desgrenhada Aurora ;
 Nem mais brilhante , o luminoso Nume ,
 Que lá do Ethereo , sobre o Mundo espalha
 Nitidos rayos.

Valor ; Albano , que opportuno o tempo ;
 A mil prazeres , te convida agora ;
 Ah ! vê , que os breves momentaneos gostos ,
 Rapidos fogem.

A' Nynfa chega , por quem tu suspiras ,
 Jura-lhe eterna , sem igual constancia ;
 E a face , e o collo , onde as Graças brincaõ
 Sofrego beija.

Mas Ceos , que sinto ? Quem me atalha os passos ?
 Gelado fusto pelas veyas corre ;
 Medonhas Larvas entre os olhos tenho ;
 Pavido fujo.

Eis negro bando de crueis remorsos ,
 Batendo as negras penugentas azas ,
 Lá do enlutado , pavoroso , e triste ,
 Baratro surge.

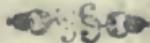
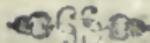
A mim se chega , o coração me aperta ,
 E nelle entorna , abrasador veneno ;
 Já sinto as ancias da vesinha morte ,
 Misero Albano !

Perdoa Armania , o meditado insulto ;
Profana boca , de hum mortal indigno ,
Tocar naõ deve divinaes thesouros ,
Pudicos sacros.

Amor , que o terno coraçãõ me opprime ,
He quem motiva os dilirantes erros ,
Em que eu cahira , e de que afflicto verto
Lagrimas tristes.

Mas se a tua alma , compassiva , e bella ,
Piedade fente , de quem geme afflicto ,
Ah naõ me negues o perdaõ qu'imploro
Supplice , humilde.

Albano Uliſſonenſe.





De Jacindo Ulisiponense , a Belmiro Translagano.

O D E.

N Em sempre no soberbo Capitolio
Jaz a forte amarrada.

Mil boidos punhaes , subito brilhaõ :

Os atonitos Jafes

Alaga de vermelhas espadanas

O Vencedor de Roma.

No meio dos festins , das lautas mesas ,

Das travessas Licores

Sopra a fatal Discordia a rouca tuba.

C'os despidos Escravos

Solitarios fertões affouto rasga

Macilento Mineiro ;

Morre na setta de buçal Tapuia.

Vara na ignota praya

Descuidado baixel ; surgem na arêa

Despedaçados Nautas.

A rapida torrente da Disgraça

Torres , e Colmos forve.

De atilados projectos a memoria

Boya nas pardas ondas.

Em potentes columnas bronzeadas

Sabio illustre Belmiro

Teus

Teus Versos immortaes circum-luzentes
 Triunfando resistem.
 Rangendo em vaõ raivofo o rijo dente
 O Zoilo descorado.
 Dos Corinthios Padrões longe serpea :
 Batendo as fufcas azas
 Silva-lhe em torno matador ciume ,
 Estrepitofa Inveja ;
 Pululantes freneticas falanges
 De Odios infanos rege.
 Qual por mortas lagoas ermas balfas
 Com enfiado rofto
 Erra bramindo o temerario Orestes :
 Affanhados Espectros
 Rebeldes Furias ululando o fequem.
 Affim , affim o Monftro
 Ante o torvo esquadrão grafnando vaga
 Chimerica victoria.
 Eis rompendo as esferas luminofas
 D'auri-azulada nuvem ,
 O burnido pavez no ar fulilla
 Da guerreira Minerva.
 Ao claraõ do metal espavorida
 A reprobã canalha
 Em confuso tropel ondeando corre ;
 E no dormente rio ,
 Com fonoro ruido refvalando
 Sepultada blafema.
 Nos bi-plumes Frizões da Fama vóa
 Teu nome á eternidade.



A O N A S C I M E N T O
D O E X. mo S E N H O R
D. LUIZ MARIA RITA JOSE'
LOURENÇO DE CASTELLO BRANCO
VASCONCELLOS E SOUSA.

O D E S A F I C A .

O' Tu que em ocio , vergonhoso passas ;
As longas horas , dos inuteis dias ,
Disperta ó Musa , e pressurosa entôa ,
Saficos Versos.

O eburneo Plectro , sobre as aureas cordas ;
Mil sons lhe tire , concertados brandos ;
A vóz se eleve , á regiaõ que habita ,
Fulgido Nume.

Eu sinto , eis sinto , arrebatár-se a mente ;
Já pizo a estrada , que conduz ao Pindo ;
E os ramos celno , do virente . e eterno ,
Delfico arbufo.

Com elles ornô a desgrenhada fronte ;
E a cava Lyra , que afinára Delio ,
Pulçando affouto , louvar quero o tenro ,
Inclito Infante.

Comrigo fallo , singular vergontea ,
Do tronco illustre , de Castellos-brancos ;
Que tens de Soufas , Vasconcellos , Cunhas ,
Limpido fangue.

Escuta as vozes , de hum Pastor sincero ,
Que humilde canta , o venturoso instante ,
Em que tu viste , pela vez primeira ,
Nitida Aurorá.

Mas ah que observo ! Teus Avós preclaros
As frias campas , dos sepulcros abrem ;
Vem ver o Filho de seus grandes Netos
Inclitos Condes.

Vem entre a turma , dos Herões famosos
O grande , o sabio , Mem Rodrigues forte ;
He Vasconcellos , que deixou no Mundo
Celêbre Nome.

Hum vio do fero , Adamastor a fronte ,
E fulca os Mares , que descobre o Gama
Vence outro ousado , no furor da Guerra
Belicosos Póvos.

Taes saõ aquelles de quem tu descendes ;
Heróes , que ainda nos annaes da Fama ,
Conservaõ pura , alti-sonante , e digna
Posthuma gloria.

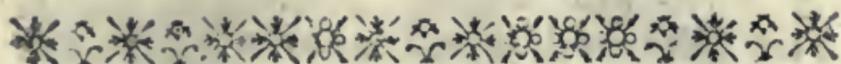
Concelho , e exemplo , teus Avós vem dar-te ;
He este o livro , que aprender , tu deves ;
Senhor , folhêa bem attento as aureas
Paginas suas.

E quando o exemplo dos Avós naõ baste ,
O Pay te ensine a desprezar o Mundo ;
A ser honrado , servir bem a Patria
Candido , e Justo.

Albano Ulisiponense.



E L E .



E L E G I A .

C Ruel , que te fiz eu ? Que horrendo crime
Commetti contra ti ? Haver-te amado ?
Inda mal que a pacháõ tanto me opprime.

Se provas evidentes não te hey dado ,
Meu rosto observa bem , veráz qual seja
O fogo que as entrenhas tem queimado.

E he possivel cruel , que hoje eu te veja
Afastar-te de mim , fugir de ouvir-me !
Já minha companhia te he sobeja ?

Dize , dize se gostas de affligir-me
Ou se tens outro amor : Ah por piedade ,
Mais tempo não pertendas illudir-me.

Se eu te sou odioso , he crueldade
Não me dares hum triste desengano ;
Que sendo dado a tempo , doe metade :

De huma vez da lembrança risca Albano ;
Esquece-te do Nome de hum vivente ,
Que te vio , que te amou para seu damno.

Se o teu peito cruel já não consente ,
Que eu seja qual thé gora afortunado ;
Liquece-te de Albano descontente.

O Ceo que te formou , terá cuidado
De te dar hum Amante mais ditoso ,
Mais digno do que eu sou de ser amado.

Naõ nasci para ti , será forçoso
Que de ti me separe , e que á ternura
Ponha hum freyo pesado , e rigoroso.

Mas cruel para que , dize prejura ,
Meus votos aceitaste a vez primeira ,
Em que de Amor te fiz terna pintura ?

Querias ver minh'alma presoneira ?
Fartastes a vontade ; e agora Ingrata
Desprezas minha fé constante , e inteira ?

Voraz tempo , que tudo disbarata ,
Naõ quebrou os meus laços amorosos ;
Tua maõ que os formou he. que os desfata.

Breves dias de paz , dias gostosos .
Vi apenas rayar ; eis negro manto
Da tristeza os tornou dias penosos.

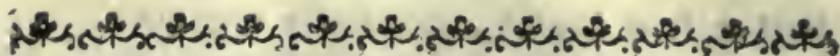
Acabou-se a illusaõ , deo fim o encanto ;
 E em premio sou , do terno amor que finto ,
 Condemnado por ti a amargo pranto.

Os males que me esperaõ naõ te pinto
 Por te naõ affligir ; mas se hum instante
 Acreditas cruel , que eu te naõ minto ,
 Sabe , que eu vou morrer , e morro amante.

Albano Uliſſiponense.



CAN-



CANÇONETA.

N As azas librado
O cego Cupido
Voava ligeiro
Ao Templo de Gnido.

Na espadua pendente
A aljava trazia ;
E o arco trocido
Na dextra se via.

Ao Templo chegando
Convoca os Amores ,
E diz-lhe que entocin
De Alcina os louvores.

Eis soltaõ as vozes
Os ledos frexeiros :
E todos se apressaõ
Por ser os primeiros.

Amor que isto observa
Benigno os separa ;
E hum coro , e outro coro ,
De Amores prepara.

Começa o primeiro
Louvando os cabellos ;
Faz o outro a pintura
Dos seus olhos bellos.

Hum louva das faces
O fogo , e a brancura ;
E o outro do collo
A nivea mistura,

Aquelle no corpo
Mil graças descobre ;
Diz este que a anima
Espirito nobre.

Affim á profia
Gostosos cantavaõ ;
E os dotes de Alcina
Cantando louvavaõ.

O Nume contente
De ouvir taes louvores ,
Pagou c'um sorriso
Aos ternos Cantores.

Depois escrevendo
O nome de Alcina ,
Mandou que o levassem
A bella Erycipa.

A Mãe vendo o nome
Da linda Pastora
D'Inveja incendiada
As faces colora.

Mas dentro em seu peito
Callando o que sente,
Mostrou que de vê-lo
Ficava contente.

E para que o Filho
Depois o soubesse,
No Altar pôs o nome,
Que tanto merece.

Eis manda que Infensos
Nas aras lhe accendaõ,
E que as niveas Pombas
Ao carro lhe prendaõ.

Entaõ meneando
As redeas mimosas,
Os Brutos fustiga
Co' açoute de Rosas.

Chegando á Cabana
De Albano amoroso,
„ Acorda, lhe diz,
„ Pastor venturoso.

„ O Nume potente
„ A quem tens servido ,
„ Quer hoje pagar-te
„ O que tens soffrido.

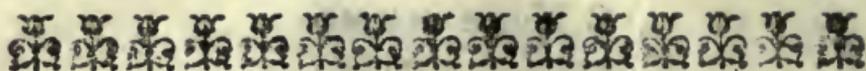
„ Conhece que adoras
„ A candida Alcina ,
„ E para ser tua
„ Hoje elle a destina.

„ Tu pôdes amalla ,
„ Pois tens , eu to juro ,
„ Propicio meu Filho :
„ Ah ! vive seguro. „

Callou , e sobindo
A Esfera azulada ,
Voou de Cythera
A fresca morada.

Alba no Ulisiponense.





O TEMPLO DE GNIDO.

DA molle cama de rosas
O frouxo Morfeo se erguia ,
E dos cem Filhos cercado ,
Sobre [os Humanos descia.

Eu minha Analia tiranna ;
Pensando nos teus rigores ,
Pranteava a disventura
Dos meus infaustos amores.

Eis que hum aligero sonho
Em torno de mim voava ,
E das lethargicas flores
Minha frente coroava.

Logo junto de mim vejo
Hum tenro Menino alado ,
Em cujo lindo semblante
Brilhava hum risonho agrado.

Puchando por mim , diz ledo:
„ Eia mortal vem commigo ,
„ Vem ver Analia , qu'intento
„ Ser brando hum hora contigo.,,

Plumosas azas me presta
Ambos os ares cortámos ;
Taõ leves , que aos leves ventos
A pós vencidos deixámos.

Sobre a magestosa Gnido
Nosso vôo suspendemos ;
E ás faldas de hum fresco monte
Com brando adejo descemos.

Crespa murta , Paphias rosas
Toda a terra tapizavaõ ,
Por entre as quaes serpeando
Manfãs agoas murmuravaõ.

Nisso o meu guia se occulta ,
Dizendo-me ,, Eis de Accidalia
,, O sacro monte , aqui podes
,, Ver meiga contigo Analia. ,,

Ilogo subo á fresca cima ,
Nella erigido contemplo ,
Topetando co'as esferas
Da Deosa o Sagrado Templo.

Corintias altas columnas ,
A faxada guarneciaõ ;
Em grossos quicios fulgentes
Eburneas portas gemiaõ.

Chego ao atrio sumptuoso ,
 E apenas os lares pizo ,
 Da magestade que vejo
 Assombrado me deviso.

Fulvo metal reluzia
 Nos soberbos alizares ;
 De gemmas se adereçavaõ
 Os thuricremos Altares.

Pelas douradas paredes
 Em quadros d'alta memoria ;
 Da Deosa se contemplava
 Toda a lisongeira historia.

Nos Phrigios Campos se via
 Meigo o semblante formoso ,
 Nos braços terna apertando
 O Pay do Teucro piedoso.

N'outro quadro ao tenro Adonis
 Sobre seu collo amimava ;
 E as roseas faces imberbes
 Com vivo ardor lhe beijava.

Em torno os meigos Prazeres
 Voar se viaõ gostosos ,
 E os Zefiros entre os ramos
 Suspirarem d'invejosos.

Em fertil gramineo monte ;
Que ao fresco Tempe excedia ,
Manso gado pastorando
D' Hecubã o Filho se via.

Alli a bella Dione
As nuas carnes mostrava ;
E na belleza vencidas
As outrãs Deosas deixava.

Notáva-se o aureo pommo
Da torva Discordia fera ,
Que em troca d'altos amores
O Pastor d'Ida lhe déra.

Mil cousas contemplo , menos
As redes de subtil arte
Com que o zellozo Vulcano
Preza a tivera com Marte.

Junto ao Portico soberbo
Devifo hum Menino alado ,
N'um Trono de ouro , e brilhantes ;
De arco , e de settas armado.

Cultos lhe dou reverente ;
Quando esta vóz me estrenece ;
„ Naõ he Amor o que adoras ,
„ He o sagaz Interesse „

Então reflecto por vello
 Tanto ao Numen parecido,
 Quantas vezes me haveria
 Com seu aspecto illudido.

No topo do regio alcaçar
 Vejo hum altar magestoso,
 Sobre trez degrãos soberbos
 De Assyrio marfim lustroso.

Aureo docel recamado
 De Perollas Indianas,
 Preso com festões de flores
 Tolda as aras soberanas.

No relevo das molduras
 Que o rico Trono cercavaõ,
 Mil fulgurantes Pyrópos
 Mais do que o Sol radiavaõ.

Aqui a bella Accidalia
 Taõ magestosa se via,
 Quo n'alma em hum mesmo tempo
 Gosto, e respeito infundia.

Alvas reçagantes vestes
 D'aljofar alcaxofradas,
 Parte dos membros mostravaõ
 Em ricas prizoões tomadas.

O Céio , a Ternura , as Graças,
Em torno offrendas faziaõ ,
De gratos sabéos perfumes
Que o ar de fragrancia enchiaõ.

Em quanto alegre isto observo
Hum grande esfridor contemplo ;
Volto o rosto a ver quem era
Que assim perturbava o Templo.

Entre huma chufma de Amores ,
Aureos fuziz arrastando ,
Te vejo entrar minha Analia
Ternos soluços soltando.

Chegar á Pyra , e jurares
A Amor , pelos Ceos sagrados ,
Que só Belmiro seria
Emprego dos teus cuidados.

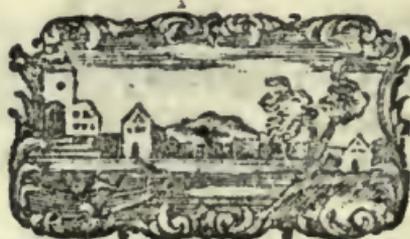
Que mais piedosa que d'antes
A pesar da iniqua forte ,
O puro amor que juravas
Duraria além da morte.

Caber não poude em meu peito
O bem qu'escutando estava ;
Quiz soltar esta vóz terna ,
Que a minha gloria dictava.

„ Graças aos Ceos que te vejo
„ Hum diã commigo amante ; „
Mas nisto acordo , e dos Olhos
Me foge a scena brilhante.

Então pondéro assim vendo
Os meus prazeres frustrados ,
Que os gostos que tem hum triste
Até são breves sonhadós.

Belmiro Transtagano.





APOLOGO.

A Raposa , e o Lobo.

„ **C** ompadre (contaõ que ao Lobo
„ Disse a Raposa huma vez)
„ Parí dous Filhos , e agora
„ Naõ mos comas por quem és.

„ Naõ Comadre , está segura
„ (Logo o Lobo lhe tornou)
„ Que nunca em damno de amigos
„ O meu dente se embotou.

„ Lembra-me ind^aquelle Inverno
„ Em que taõ doente andei ;
„ Que dos teus roubos , e traças ,
„ Comadre , me sustentei.

„ Mas he preciso que delles
„ Me dês agora os signais ;
„ Para isentallos da morte ,
„ Quando for comer os mais.

De gosto com tal promessa
A Raposa regougou ;
E catando-lhe huma orelha
Desta sorte lhe fallou.

„ De todos os Raposinhos ,
„ Que has de Compadre encontrar ,
„ Os mais nedios , mais formosos
„ Saõ os meus , naõ tens que errar . „

Com estes signaes sómente
O Lobo se despedio ;
E logo em busca de preza
A's vastas brenhas partio.

Em huma idionda furna
Aonde a fome o levou ,
Mui feios , fujos , e auguados
Dous Raposinhos achou.

„ Naõ saõ os da minh'amiga
„ Pelos signaes que me deu ; „
Disse ; e lançando-lhe as garras
Ambos matou , e comeu.

Eis entra a Raposa , e clama
Vendo o successo : „ ay de mim !
„ Ay de mim negro Compadre ,
„ Que aos filhos meus deste fim.

„ Taõ incessante rogar-to
„ Ay triste , naõ me valeo ;
Mas nisto o prudente Lobo
Severo lhe respondeo.

„ Pelos signaes que me deste ,
„ Os teus filhos naõ comi ;
„ E se estes eraõ teus filhos ,
„ Entaõ queixa-te de ti.

„ O muito que tudo nosso
„ Com excesso nos apraz ,
„ Quasi sempre he quem no Mundo
„ Mil prejuizos nos faz. „

Belmiro Transtagano;





APOLOGO.

O Gato , o Caõ , e o Rato.

A Volta do Dia
Da fome obrigado ,
Medroso sáhia
Ratinho esfaimado
Da toca sombria.

Aprouve à Disgraça ;
Que hum Gato daninho
Que aly veio á casta ,
Do triste Ratinho
Cruel preza faça.

Os dentes roedores
Feróz lhe cravava ;
Envolto em suores
O triste clamava
Chiando co' as dores.

„ He

„ He crime execrando
„ Buscar o sustento ? „
O Gato rosnando :
He ; disse , e cruento
O foy laſcerando.

Hum Caõ que eſcutava
A queixa ſentida ,
Que as almas corrava ,
No fero homicida
Os dentes ferrava.

O qual ſem alento ;
„ Cruel , lhe dizia ,
„ Porque és taõ cruento ?
„ Foi crime algum Dia
„ Buscar o ſustento ?

O Caõ no conflicto
Lhe diz : „ melhor pensa
„ No teu proprio dicto ;
„ Tu deſte a ſentença ,
„ Eu puno o delicto.

„ Roubaste huma vida ;
„ Naõ peças disculpa ;
„ Que além de homicida ;
„ Réo foste da culpa
„ Que deixas punida.

„ Se quando intentasses
„ Qualquer acção dura ,
„ Por ti te julgasses ;
„ Igual desventura
„ Talvez naõ provasses.

Bélmiro Transtagoano.





CANÇONETA.

N' Um bosque frondente
De murtas hum dia ;
Nathercia formosa
As horas dormia
Da fésta calmosa.

Dos troncos floridos
Favonios voadores ;
Que frouxos sopravaõ,
Chuveiros de flores
Sobre ella entornavaõ.

De hum terno Vendado ,
Que ao bosque viera
Os outros carpindo ,
De quem se perdêra ,
Foy vista dormindo.

Ao vêla ; nos olhos
O pranto repreza ,
O meigo Cupido ;
E já lhe naõ peza ;
Haver-se perdido.

Gostoso os cabellos
Lhe enastra de rosas;
Em torno lhe adeja:
E as faces mimofas.
Mil vezes lhe beija.

Mas eis que o tumulto
No prado vesinho,
Dos mais escutava;
O terno Amorsinho
De gosto saltava.

As palmas batendo
Aos outros corria
Ufano, e vaidoso;
E hum premio pedia
Do encontro ditoso.

Depois que perguntas
Os mais lhe fizeraõ
Lançando-lhe os braços;
Em paga lhe deraõ
Immenfos abraços.

Já le los, e affeitos
Os Numes daninhos;
O campo atalayaõ;
E os tenros bracinhos
Nas Aves ensayaõ.

Já destros sobraçãõ
Os coldres fulgentes ,
Os arcos formosos ,
Que tinhaõ pendentes
Nos Olmos frondosos.

Já tecem mil filtros ,
Mil tramas atrozes ;
E apenas se apromptaõ
Em chufma velozes ,
Ao ar se remontaõ.

O Nume que trouxe
A nova benigna
A frente occupava ;
E a tropa maligna
Risonho guiava.

Soberbo no Centro
O Chêfe Cupido ,
Hum ferro empunhando
Brandava infoffrido
Ao lucido bando.

„ Mil vezes Natercia
„ A nosso despeito ,
„ Nos tem resistido ;
„ Mas hoje seu Peito
„ Veremos ferido.

„ Letargicos fonnos
„ O corpo lhe rendem ;
„ Seus Olhos traidores
„ Já não a deffendem
„ Dos meus passadores.

„ Rasguemos-lhe o Peito ;
„ Os pulsos lhe atemos ;
„ Da paz se despoje ;
„ E agora veremos
„ Se ainda nos foge.

„ Pôs termo Belmiro
„ Teu féro tormento ;
„ Não vivas queixoso ,
„ Que chega o momento
„ De ferer ditoso . , ,

Mas nisto descobrem
A Nynfa os frexeiros ;
E todos suspirão
Por ser os primeiros ;
Que o peito lhe firão.

As frexas alçando
Cruéis , e ferozes
O adejo apressáráo ;
Mas todos velozes
N'um tempo chegáráo.

Quaes delles apenas
Contemplaõ seu rosto ;
Da furia esquecidos
Despontaõ de gosto
Os ferros boídos.

Quaes delles travessos
O feyo lhe indagaõ ;
E as faces divinas
Surrindo lhe affagaõ
Co'as maõs pequeninas.

A' boca purpurea ,
Que aromas exalla ;
Os outros corriaõ ;
E todos beijalla
Primeiro queraõ.

Aquelles que frouxos
Mais tarde chegavaõ
Trepando , os ligeiros
Pefinhos firmavaõ
Nos mais Companheiros.

Porém huns c'os outros
Tal bulha , tal guerra ;
Inquietos urdiraõ ,
Que todos em terra
De chufma cahiraõ.

Hum Fauno que perto
Notava invejoso
A turma vendada;
Da quéda gostoso
Dá longa rizada.

A Nynfa desperta
A' vóz estrondosa;
E os Olhos divinos
Levanta maviosa
Aos Nomes ferinos.

Eis todos lhe fogem
De assombro feridos ;
Os ferros engeitaõ ;
E aos troncos subidos
Medrosos a espreitaõ.

O Nume doloso
Que o bando regia ;
De pejo corava ;
E em quanto fugia
Desta arte clamava.

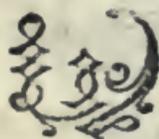
„ De amor naõ te queixes
„ Belmiro amoroso ;
„ Teu fado inclemente
„ Fazer-te ditoso
„ Já mais me consente.

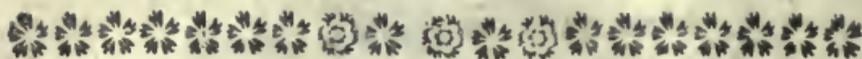
„ Natércia a quem amas
„ Meu culto aniquilla;
„ Mil vezes irado,
„ Tentando ferilla
„ Me vi destroçado.

„ Escuda-lhe o Peito
„ Seu rosto o mais lindo;
„ Como hei de rendê-la
„ Se mesmo dormindo
„ Não posso vencê-la. „

Callou-se , e limpando
As lagrimas futeis ;
N'uns Cedros copados
Quebrou por inuteis
Os ferros ervados.

Belmiro Translagano.





A' EX.^{ma} SENHORA
CONDEC,^a DE POMBEIRO,

No dia em que completou hum anno o seu
Primogenito, em cujo nascimento naõ ha-
via o Autor poetizado.

*Estes versos foraõ postos diante de Sua Excellencia
nas mãs de hum figura de hum pobre.*

QUNTILHAS.

Bella Mãy de Filhos bellos
A quem os Fados põem francos
Seus tesouros para havellos,
Unindo a Castellos-Brancos,
A Estirpe de Vasconcellos.

Ouve-me agora fallar
Em honra do digno Filho,
Que a Fortuna ha de estradar;
Dos seus maiores no trilho
Por sua memoria honrar.

(III)

Não culpes minha alegria
Se às vezes me vez callar,
Quando mais fallar devia,
Que o louvor temo estribar
Nas medidas da Poesia.

Tendo assumpto que me sobre
Pafnar em silencio eu uso;
E com motivo tão nobre,
Emmudeço por confuso,
Que a abundancia me faz pobre.

Mas minh'alma em fim procura
Vencer seu proprio alverço;
Quererá minha ventura,
Que pois com vozes não posso
Me explique assim por figura.

Senhora, não te fofobres
Essa ao teu Antonio entrega,
E cuido que lhe descobre;
Que hum pobre já se lhe chega,
Porque nasceo para os Pobres.

Saiba que grande nasceo,
Para que aos pequenos preste;
Tem do Pai o exemplo, e teu;
E o grande interesse he este
Com que o pedimos ao Ceo.

Se alguém murmurar quizer
De que eu na alegria séria,
Lhe faça miseros ver,
Vê que o valer á miséria,
He dos Heróes o prazer.

Mostre-se-lhe essa nudez;
Enfina-o a núz vestir,
Como vestido me vez;
Tem de casa a quem seguir,
Faça o que seu Pay me fez.

D'Hercules contaõ as Gentes,
Ter no berço espedaçados
Ferozes monstros ingentes;
E he valer aos Desgraçados,
Mais qu'espedaçar serpentes.

Começa de tenra idade
A imprimir-lhe na memoria,
Lições de heroica piedade;
Faze que sustente a gloria
Do seu nome a dignidade.

Fazendo-o ver o bastaõ
Ou de Guerra, ou de Justiça,
Que ha de vir á sua maõ,
Para esta honrada cubiça,
Formemos-lhe o coração.

Nos luzos fastos escripto ,
 Louvor d'alta gerarquia
 Bem se vê , e eu não repito ;
 E se ouvirá algum dia ,
 Da Fama o centuplo grito.

Os Seec'los são testemunhas ;
 E a Inveja em tristes arrancos ,
 Volta ao proprio peito as unhas ,
 Fugindo a Castellos-Branços ,
 Correias temendo , e Cunhas.

Se os Illustres Vasconcellos
 Os Ceos vem nelle juntar ,
 Faça a Historia conhecellos ,
 Porque para segurar
 Tem já de sobra os modellos:

Não lhos mostro triunfando
 Do Inimigo triste , e exangue ;
 Nossas quinas arvorando
 Cubertos de pó , e fangue ,
 Reynos ao Reyno ganhando.

Minha placida Camena
 Lhe entoa hum alegre canto ;
 E quando o louvor lhe ordena ,
 Em alheyo fangue , e pranto
 Nunca vai molhar a penna ,

He das azas d'Alegria
A penna com que hoje escrevo ;
Dá-me o prazer a harmonia
Com que aos Ceos ousado elevo
A alta gloria deste Dia.





No dia em que completou annos o Primogenito dos Illustrissimos, e Excellentissimos Senhores Condes de Pombeiro.

QUINTILHAS.

S E hum despido pobre viste
 Apresentar-se em tal dia ;
 Vê agora o que vestiste , (1)
 E farta-te n'alegria
 A que essa alma não resiste.

Mostrei-te hum afflicto entãõ ;
 Porque ser justo julguei
 Inclinar-te á compachaõ ;
 Hoje vou , (de tom mudei)
 Alegrar-te ó coraçãõ.

H ii

Ouve

(1) Allude a trez Meninos Orfaõs abrigados nesta Casa, e vestidos de novo em honra deste dia.

Ouve o marcial fragor ,
Ouve o strepito guerreiro ,
Qu'inda ressoa em louvor !
D'alta Casa de Pombeyro ,
De que és digno successor.

Vem nossa doce esperança ;
Da memoria te ergo ao Templo ;
Vêste a Toga , ou térsa a lança ;
Tens nos teus lição , e exemplo ,
Imita-ós , depois descança.

Com guerreiro porte , e franço
Ajustando a Cota , e o Casco ,
Vê que da Espada ao arranco
Cahe o Ibero aos pés de Vasco , (1)
E elle ergue Castello-Branco.

Naõ conta a Historia hum só Nunõ
Que ajudasse Joaõ Primeiro ; (2)
Tambem houve outro opportuno
Da profapia de Pombeyro ,
E que fez tremer Neptuno.

De

(1) Vasco Paes de Paiva , que vivendo em Castello-Branco , que pelas suas grandes acções , se chamou de Castello-Branco.

(2) Nuno Vás de Castello-Branco , valeroso Almirante de Portugal.

De meyas Luas croada ,
De balde Ceuta se empina ,
Que ao luzir de Nuno a Espada ,
Humilde a cabeça inclina ,
Beija a cadêa dourada .

Aos pés de hum Heróe Vassallo ;
Vejo alado velho intonso ,
Que se esmera em corallo ; (1)
E os louros do quinto Affonso ,
Saõ parte dos de Gonçallo .

Se o Almeirante se chama , (2)
O Occeanno inda se affusta ;
Mas triste pranto derrama
Por Lôpo a quem maõ injusta (3)
Tirou vida , mas não fama .

Ou

(1) Gonçallo Vás de Castello-Branco , homem valeroso , que foi o que instituiu o Morgado deste Titulo , sendo cabeça a Quinta deste nome .

(2) Nuno Vás de Castello-Branco ; &c.

(3) Lôpo Vás de Castello-Branco , valeroso ; porém morto á traiçãõ .

Ou gire os Mares , ou cerque
Castello , que levá à escalla ,
Nuno faz que o Pindo alterque , (1)
Se excedeo mais do que ignalla
Contemporaneo Albuquerque.

Até ao Perfico seyo ,
A memoria te conduz ,
A ver como rege o freyo , (2)
Que mástiga a fera Ormuz ,
Avó teu , que eu não nomeyo.

Virá tempo em quê a idade
Fará que tua alma tome
Lições de heroica verdade ,
E do dever do teu nome ,
Que zella a posteridade.

De hum Antonio como tu , (3)
(Não sei se também tão lindo)
Veráz como o Fado crú
Soffreo , a seu Rey seguindo
Athé ser captivo , e nú.

Hum

(1) Nuno Vás de Castello-Branco , que nos mares da India fez maravilhas de valor.

(2) D. Pedro de Castello-Branco , Governador de Ormuz.

(3) Antonio de Castello-Branco , que seguiu o Rei D. Sebastião a Africa onde foi escravo.

Meu Brazil canta mil vezes (1)
 Que outro Antonio o fez feliz ;
 E em honra dos Portuguezes
 Lhe aliviou a cerviz
 Do jugo dos Holandezes.

Mais e mais dos teus Castellos
 Da gloria nos fastos achas , (2)
 Que terá novos disvellos
 De unir teus Leões às fachas ,
 E torres de Vasconcellos.

Quiz , Senhor , que repassasses
 Tanto na tenra memoria ,
 Nem temi me criminasses ,
 Que do teu nascer a gloria
 Vem da gloria de quem nasce.

Dos teus os fastos saber
 Eu julgo assáz neneffario ;
 E a dispor-se para os ler ,
 Esse novo abecedario (3)
 Vem teus servos offerer.

Os

(1) D. Antonio de Castello-Branco , servio na armada , que fez restaurar o Brazil das mãos dos Holandezes.

(2) Lembra-se assim as armas da casa de Castello-Melhor.

(3) Offerecia-se ao Menino hum abecedario disposto em dados para aprender brincando.

Os meus proprios olhos vem ;
 As tuas graças dispostas
 A desempenhar-te bem ;
 Vejo que das armas gostas ,
 Gosta das letras tambem.

Se me não fora vedado
 Ceos minha boca feckai ,
 Não vá eu arrebatado
 Desobedecer ao Pay (1)
 Eu devo admirar callado.

O' verdade , ó gratidaõ ,
 Que dentro em mim murmurando
 Agitais meu coraçõ ,
 Se eu obedeço callando
 Outros por mim fallaráõ.

Senhor , deveis escutar
 Estes meus concelhos serios ,
 E n'alma os deveis gravar ;
 He mais que ganhar Imperjos
 O fabellos governar.

Nun-

(1) O Excellentissimo Senhor Conde de Pombeiro tem prohibido ao Autor o dar-lhe louvores , quaesquer que elles sejaõ.

Nunca a Discórdia defuna
Nações , que a amidade enlaça ,
Que vos obrigue emportuna
A ser de outros a desgraça :
Ah ! Sêde a nossa fortuna !

Sêde dos servos que crescem
Amparo , e consolação ;
Honrai os , que honra merecem ;
Sêde arrimo , e dai a mão
Aos que como eu envelhecem.

Sei que pouca perda vai,
Sucedem outros a estes ;
Porém hum pouco notai ,
Achaſte-os quando nasceſtes ,
Já serviaõ voffo Pay.

E quando frouxos , e laſſos ,
Para a voffa companhia
Naõ poder-mos já dar paſſos ,
Lembre-vos , Senhor , hum dia ,
Que vos trouxemos nos braços.

Guardai em voffa lembrança
O que he digno de reter ;
Que merece confiança ,
E naõ he para perder
Humã servidam de herança.

Pois que o Ceo assim dispóz
A obrigaçãõ nos reparte ;
Vivei , Senhor , para nós ;
E do mundo em qualquer parte
Nós morreremos por vós.



*Ficando em Salvaterra o Autor, quando
Suas Magestades sabiraõ dalli, o Sê-
nhor Arcebispo Confessor quiz que des-
crevesse aquella sabida, e como ficava
a terra.*

QUINTILHAS.

M Usa, manda-nos pintar
Magestosa despedida;
Vai os pinceis preparar;
Traça do quadro a medida,
Vai as cores misturar.

Vê que alguém já se alvoroça
Por ver se avivo as figuras;
Talvez por desgraça nossa
Achem que nestas pinturas
Sou Apelles de obra grossa.

Estas visinhas Campinas ,
 E as varias hirsutas moitas ,
 Com tintas groças , ou finas
 Já pintaste , e ora te afoitas (1)
 A cousas mais peregrinas.

Naõ ao Porco sedeúdo
 De alvo dente anavalhado ,
 Nem ao timido , e galhudo ,
 Ligeirissimo Veado ,
 Que de hum salto foge a tudo.

Nem pintes a nedia Corça :
 Deixa em paz o leve Gamo ;
 E o caminho , ou figa , ou torça ,
 Falcaõ chamado ao recramo ,
 Que mostrou destreza , e força.

O animal das meias luas
 Deixa aly raspando a terra .
 Co' as rachadas unhas suas ;
 Deixa o que no jugo berra
 Co' as arrastadas charruas.

Fo.

(1) Allude á caçada das Lebres já descripta
 pelo mesmo Autor.

Fogofo Foldro facuda ,
Relinxando , as crinas soltas ;
Quando a propria Mãy saúda ,
Ou quando em saltos , e voltas
Vem procurar quem lhe acuda.

Naõ digo que o lapis quebres
Com que hum dia obediente
Debuchaste o Lobo , e ás Lebres ;
Mas mandaõ-te pintar gente ,
Gente he justo que celebres.

Alongando a vista eu vejo
Por entre essa plana terra
Estender braços o Tejo ;
E nelles põe Salvaterra
Tudo o que eu pintar forcejo.

A' pressa as faudosas cores
Mõe , desfaz , mistura , e liga ,
E eu terei , se habil tu fores ,
Retraçlo de gente amiga ,
Copia de grandes Senhores.

Seia , larga , solta , casta ;
Hum se apressa , outro tem fleuma ;
Aqui moço ousado passa ;
Aly confusa sefeuma
Delicada gente embaça.

Aly huma ao coló vai ;
Levaõ outra pela maõ ;
Aqui hum gemido , hum ay :
Bate deste o coraçãõ ;
Aquelle tropeça , e cai.

Rubra cânada de vinho ;
Sorver hum Algarve eu vejo ;
Em quanto n'um refistinho
Péspega devoto beijo
Velha que teme o caminho.

A sobrinha aly desmaia ,
Tornaõ-lhe á boca as fatias ;
Que toma em limpa cambaya ,
E inda em tantas agonias ,
Ella affena para a praya.

Aquelle escaler despega ,
Já outro as vellas soltou ;
Frota de remos navega ;
De terra hum clarim soou
Musa á lerta , olha quem chega.

Musa apoucada , e mesquinha ;
Tu que arrostavas ufana
Qualquer assumpto que vinha ,
Tremes vendo a Soberana
Face da Augusta Raynha ?

Com fusto de submissão ;
Nem podes a vista alçar ?
Poem os joelhos no chão :
He tempo de desfechar,
Mas cahê-te o lapis da mão.

Ah ! Musa não te fossobres
Chega sem fustos áquella ,
Que cercam Grandes , e Nobres ;
Vê que tem o amparo nella
Pequenos , Humildes , Pobres.

Lembre-nos bem quanto agora
Dessa mão real nos veio,
Cheguemo-nos muito embora,
Que não deve dar receyo
Magestade bemfeitora.

Pinto aquelles , pinto aquellas ;
Tu não podes ? Da-me a tinta ,
Quero as copias , vou fazellas ;
Mas ay de mim ! ninguem pinta
Bem o Sol , bem as Estrellas,

Deslumbrado , e quasi cego
Dando a teu espanto abono ,
Os toscos pinceis te entrego ,
Sem pintar ella que ao Trono
Chamou Affonso em Lamego)

Naõ, naõ a posso pintar,
Pafmei nõ gosto de vella ;
Ah ! nasceo para reinar ,
Naõ , naõ honra o Trono a ella,
Ella veyo o Trono honra.

Nem o grupo de uniaõ cara
Das Irmans , e hum , e outro Filho,
E a que em Filha amor tornára :
De afracar me maravilho
O desejo me enganára.

Foram meus esforços vaõs ,
Mudamente ajoelharei ;
Chegam , Mãy , Filhos , e Irmaõs ;
Animo ó Musa , eu beije
Em silencio as reaes mãs.

C'os olhos acompanhemos
Toda a real comitiva ,
E desse Povo que vemos
Alternando *viva viva* ,
Alguma copia teremos.

Já o Bargantim dourado
Vozeria alegre solta ;
E eõta turba de encarnado
Dá no ar mais de huma volta
C'õ barrete prateado.

O rânço de prazer louco,
 Cobre a gadelha inda enchuta ;
 Arranja-se pouco a pouco,
 E entre a feleuma se escuta
 O Patraõ mór sempre rôuco.

Este vôga, aquelle seia,
 Gadelhuda á perna, e o braço ;
 Mostra a roxa cordoveia,
 Que beni prestes no arregação
 Turgida aparece, e cheia.

Deu-se ao mais robusto a boga ;
 E o Mancebo que a alcançára
 Nenhum outro lugar roga,
 Nem por tal honra trocará,
 Huma de bengala, ou toga.

Já o tostado Algárvio,
 O punho do remo aperta,
 É alçado n'um pé com brío ;
 Em vôga arrancada, e certa
 Talha este braço do rio.

Triste fica o Povo, e chora
 Ao ver que assim apressada
 Se alonja a sua Senhora ;
 Chamam pequena a jornada ;
 Maior quizeram que fora.

Lá vai desaparecendo
Da vista de Salvaterra :
Nós Musa , o passo volvendo
Aos que nos ficão na terra ,
Hiremos onvindo , e vendo.

Velha que de longe vio
Na popa os moços reaes ,
Os gorgomilos abriu ;
Gritou que ouviraõ os mais :
,, Bem haja a Mãi que os pario:

,, Dê-lhes Deos boa maré
,, E cubra de boas fadas ;
,, Sua Mãy , nossa Mãy he :
,, Gentes fois affortunadas ,
,, Eu sei por quem , e porque.

,, Qual vossa vida , e a minha
,, Triste se houvera finado
,, Pela desgraça mesquinha
,, A não nos ter o Ceo dado
,, Taõ piedosa Raynha !

,, Leva o Inverno a semente!
,, Saõ vossos granjaes desfeitos!
,, Alaga-vos tudo a enchente!
,, Vem ella , fois fatisfeitos ,
,, Acha com que vos contente.

„ Espera o que lhe deveis ;
„ E muitas vezes perdôa ;
„ Cura-vos se adoeceis :
„ Olhai , Senhora mais boa
„ Nunca vistes , nem vereis .

„ Dêmos ao Ceo mil louvores ;
„ E annos lhe dê aos milheiros ;
„ Eu vivo dos seus favores ,
„ Fez os meus Filhos Couteiros ;
„ Meus Netos Emprazadores .

„ Se na minha geraçãõ
„ Alguem há que a tal Senhora
„ Naõ firva de coraçãõ ,
„ Quero que já desde agora
„ Tenha a minha maldiçãõ . „

E alçando a sua mãõ canha ;
Pela deslertada boça ,
Murmurou arenga estranha ;
Em soluços se suffoca ,
E alva baba o queixo banha :

Eis subito hum Neto ufano ;
Que mãõ real vestir faz ,
Mostra o ageitado panno ,
E diz alegre o rapaz :
„ He mais bonito este anno ; „

Tambem mostra o ornato seu
Orfã pobre Rapariga ;
Eu a vejo , escuto-a eu ;
Não encontra a quem não diga :
„ A Raynha he quem mo deo. „

Quanta gente eu vejo ! quanta ,
Que veste real grandeza ?
E oiço mais , e não me espanta ;
„ A mim vestio-me a Princeza ;
„ A mim a Senhora Infanta. „

Rustico moço robusto ,
Que essas moitas espancou
Com o azinheiro adusto ,
Aos Companheiros mostrou
Piedosa ajuda de custo.

Fumando em cujo cachimbo
Gordo Arraes , digno de estampa
Diz á companhia : Marimbo ;
„ Agora aqui stã quem campa
„ Eila ah'y vai , que deo gimbo. „

Ferve a farta caldeirada ,
E o vermelho pimentaõ
Por entre a fervura nada ;
Vai o encebado tostaõ ,
Vem trasbordando a canada.

Na Villa o mesmo succede ;
Já do vinho baptizado
A pipa em canadas mede ,
O Taberneiro cançado
De dar ao Povo o que pede.

Negro azeite torra o Savel ;
E aly coze a Boga , e o Barbo ;
A Bodegôa agradavel ,
Que já rendeo ao seu garbo
Duro Campino intratavel.

Fartura , e prazer total
Enche a casa , enche a cosinha ;
He o brodiq aly geral
A' saude da Raynha ,
E da Familia Real.

Correm Vilões , e Pastores ,
A's tendas , antes , que emmalem ;
Compraõ das alegres cores ,
Talvez por mais do que valem ;
Vai na fé dos Mercadores.

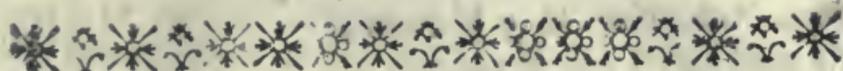
A' preſſa escolhem Mulheres
Pintados lenços , e fitas ;
Deicham garfos , e colheres ,
Compraõ argolas bonitas ,
E formosos roſſicleres.

Mas findas as compras suas ;
 Musa , não ha que pintar
 Por estas desertas ruas ;
 Vai o painel rematar ,
 Que he já tempo que o concluas ;

Pinta-me em tal solidão
 Junto dos meus Bemfeitores , (1)
 Tendo ao lado a Gratidão ;
 E tendo aos reaes louvores,
 Preparada a voz , e a mão.

(1) Os Senhores Condes de Pombeiro ficavaõ ;
 porque a Senhora Condeça estava mal convalesci-
 da do parto em que teve o Senhor D. José de Cas-
 tello-Branco.





*A Illustre O'Neille pergunta que cousa
sejaõ saudades.*

Resposta.

Musa , basta de silencio ;
Quer linda O'Neille escutar-nos ,
E à sua amavel grandeza ,
Seria crime escuzar-nos :

Limpo as ferrugentas cordas ;
Mas desmaia o coraçãõ ;
E ao pensar no excelso Nome ,
Me cahe a lira da mãõ :

He esta a que em berço augusto ;
Graças , e Musas dotáram ,
E a quem Artes , e Sciencias ,
A docil razaõ guiáram.

He esta a Britana Sapho ,
A quem rendem vassalage ,
Com Dacier erudita ,
▲ suave du Bocage :

Q' estuda o Homem com Pope ;
 Com Robertson lê o Mundo ,
 Ri com Swift engraçado ,
 E segue a Newton profundo :

Co's ouvidos costumados
 A meigas vozes sonoras ,
 Porque tem seu lugar proprio
 Entre as Aonias cantoras ;

Como poderá ouvir
 Os meus roucos gritos vaõs ;
 Sem tapar sabios ouvidos ,
 Com as jasminadas maõs ?

Naõ he do Tamize hũ Cisne ;
 Que vai soltar doce canto ,
 Brasileiro Papagaio
 De arremedo a vóz levanto.

Tinha razaõ de callar-me ,
 Deveria emmudecer ,
 Mas se O' Neille quer q' eu falle ;
 He virtude obedecer.

Em fim , Musa , obedecemos ;
 Basta já de dar desculpa ,
 Porq' o muito desculpar ,
 Tambem ás vezes he culpa.

Pois saber o que he saudade
Gentil O' Neille careças ,
Vou talvez dizer-te hñ mal ,
Que soffres , e não conheces.

Diraõ huns q' he sentimento ;
Que só Portuguezes tem ;
E q' importa falte aos outros ,
Vozes q' o expliquem bem :

Mas eu , Senhora , não quero
Illudir vossa grandeza ;
Saudade , he nome q' explica
Triste mal da Natureza :

Filha da cruel auzencia
He essa terna paichaõ :
Que se nutre de esperanças
No sensivel coração :

De lembranças , e desejos ;
Tristemente acompanhada ,
Punge , e fere huma alma terna ;
Do amado bem separada :

Por exemplo dividida
Da tua cara metade ,
Toda esta falta que sentes ,
Isto O' Neille he q' he saudade.

Em meio de mil prazeres,
Sempre esta paichão he triste;
E a seu intimo tormento,
Nenhuma cousa resiste:

Obriga a lagrimas tristes;
Obriga a sentidos ais,
Nem só humanos obriga,
Inda a brutos animais.

Ouve o faudofo gorgoio
Da amorosa Philomella,
Quantas vezes te interneces
Co' a triste saudade della:

O aureo collo entumecendo;
Arrullando o pombo afflito,
Tenra esposa que lhe falta
Chama em seu faudofo grito:

Bravo sanhudo Leão,
A madeicha facudindo,
Se a cara Leão prendem;
Os campos corre bramindo:

Traz estes males Amor,
Porém a doce Amizade
Não deicha de ter tambem
A doença da saudade:

Tu, q' a memoria tens chea
De mil successos antigos,
Escusas q' eu te recontes,
Tristes faudosos amigos:

Do teu Augusto Ricardo;
Te lembre a celebre historia;
E vê do amigo faudoso,
Qual seja a honrada memoria:

Tambem de fido animal,
Que seu bom senhor perdeu;
Se conta que de faudades,
Junto ao sepulcro morreo:

He de temer este mal,
O tempo o torna mais forte,
E em lhe faltando a esperanza;
Bem depressa he mal de morte.

Basta, Senhora: já sabes,
Q' em fim faudade só he
O sentimento q' hũ soffre,
Quando o que estima não vê:

Tu q' onde quer q' appareces;
Causas Amor, e Amizade,
Terás dado (eu não duvido)
Motivo a muita faudade.

L. Selinuntino:



AO ILL.mo E EX.mo SENHOR
D. ANTONIO MARIA
DE CASTELLO-BRANCO CORREIA
E CUNHA,

Primogenito dos Illustrissimos, e Excellentissimos
Senhores Condes de Pombal.

D I.
Eicha q' a Lira

Nas maõs eu tome ;

E q' o teu nome

Possa cantar :

Vai-te ensaiando

Desde pequeno

A ouvir Lereno

Por ti clamar :

II.

Se hũ nome queres

Digno de gloria ,

E q' a Memoria

O haja de honrar :

Tens os modellos ;

Naõ busques mais ,

Os dignos Pais

Te haõ de guiar.

Vai

III.

Vai bem quem segue
Destes modellos ,
Q' os Vasconcellos
Saõ de imitar :
Deicham-te à gloria
Castellos-Brancos
Caminhos francos
Para trilhar.

IV.

Dizer podia
Pasmosas coizas ,
Que dos teus Soizas
Ha que contar :
Se eu chamo os seculos
Por testemunhas ,
Correãs , Cunhas
Ouves lonvar.

V.

Quando tu leres
A Luza historia,
Tua memoria
Tens que fatar :
Illustra Aonio.
Graças ao Ceos ,
Podes dos teos
Lições tomar.

VI.

Se eu fosse proprio
Para ensinar-te,
Bem pouco d'arte
Tinha q'usar:
Basta mostrar-te
Dos teus o trilhó,
Vai d'aguia o filho
O Sol buscar.

VII.

Já sobre o Pindo
Eu me levanto,
Oigo alto canto
Teu nome alçar:
Para eserevello,
Doiradas pennas,
Sabias Camenas
Vaõ preparar.

VIII.

O Ceo vigie
Na tua idade,
E esta verdade
Verás chegar:
Nos pobres versos;
Q'offrecer venho,
A honra tenho
De_a annunciar.

E R R A T A S.

<i>Folhas.</i>	<i>Verfos.</i>	<i>Erros.</i>	<i>Emendas:</i>
24 - - -	ult. - - -	Natuteza - - -	Natureza
25 - - -	12 - - -	cumprida - - -	comprida
56 - - -	3 - - -	empavido - - -	impavido
58 - - -	16 - - -	fomoza - - -	famoza
65 - - -	10 - - -	Orco - - -	Orêo
70 - - -	19 - - -	amarrella - - -	amarella
71 - - -	16 - - -	prejuro - - -	conjuro
75 - - -	17 - - -	efirmada - - -	estremada
105 - - -	19 - - -	Brandava - - -	Bradava
116 - - -	17 - - -	ajudaffe - - -	ajudasse
123 - - -	1 - - -	manda-nos - - -	mandaõ-nos
136 - - -	7 - - -	lugat - - -	lugar

Foi taixado este Livro em papel a duzentos e quarenta reis. Meza 5 de Julho de 1793.

Com tres Rubricas.

J. A. T. A. E.

Lectures on the History of the

Lectures on the History of the	1	1
I. The History of the	2	2
II. The History of the	3	3
III. The History of the	4	4
IV. The History of the	5	5
V. The History of the	6	6
VI. The History of the	7	7
VII. The History of the	8	8
VIII. The History of the	9	9
IX. The History of the	10	10
X. The History of the	11	11
XI. The History of the	12	12
XII. The History of the	13	13
XIII. The History of the	14	14
XIV. The History of the	15	15
XV. The History of the	16	16
XVI. The History of the	17	17
XVII. The History of the	18	18
XVIII. The History of the	19	19
XIX. The History of the	20	20
XX. The History of the	21	21
XXI. The History of the	22	22
XXII. The History of the	23	23
XXIII. The History of the	24	24
XXIV. The History of the	25	25
XXV. The History of the	26	26
XXVI. The History of the	27	27
XXVII. The History of the	28	28
XXVIII. The History of the	29	29
XXIX. The History of the	30	30
XXX. The History of the	31	31
XXXI. The History of the	32	32
XXXII. The History of the	33	33
XXXIII. The History of the	34	34
XXXIV. The History of the	35	35
XXXV. The History of the	36	36
XXXVI. The History of the	37	37
XXXVII. The History of the	38	38
XXXVIII. The History of the	39	39
XXXIX. The History of the	40	40
XL. The History of the	41	41
XLI. The History of the	42	42
XLII. The History of the	43	43
XLIII. The History of the	44	44
XLIV. The History of the	45	45
XLV. The History of the	46	46
XLVI. The History of the	47	47
XLVII. The History of the	48	48
XLVIII. The History of the	49	49
XLIX. The History of the	50	50
L. The History of the	51	51
LI. The History of the	52	52
LII. The History of the	53	53
LIII. The History of the	54	54
LIV. The History of the	55	55
LV. The History of the	56	56
LVI. The History of the	57	57
LVII. The History of the	58	58
LVIII. The History of the	59	59
LIX. The History of the	60	60
LX. The History of the	61	61
LXI. The History of the	62	62
LXII. The History of the	63	63
LXIII. The History of the	64	64
LXIV. The History of the	65	65
LXV. The History of the	66	66
LXVI. The History of the	67	67
LXVII. The History of the	68	68
LXVIII. The History of the	69	69
LXIX. The History of the	70	70
LXX. The History of the	71	71
LXXI. The History of the	72	72
LXXII. The History of the	73	73
LXXIII. The History of the	74	74
LXXIV. The History of the	75	75
LXXV. The History of the	76	76
LXXVI. The History of the	77	77
LXXVII. The History of the	78	78
LXXVIII. The History of the	79	79
LXXIX. The History of the	80	80
LXXX. The History of the	81	81
LXXXI. The History of the	82	82
LXXXII. The History of the	83	83
LXXXIII. The History of the	84	84
LXXXIV. The History of the	85	85
LXXXV. The History of the	86	86
LXXXVI. The History of the	87	87
LXXXVII. The History of the	88	88
LXXXVIII. The History of the	89	89
LXXXIX. The History of the	90	90
LXXXX. The History of the	91	91
LXXXXI. The History of the	92	92
LXXXXII. The History of the	93	93
LXXXXIII. The History of the	94	94
LXXXXIV. The History of the	95	95
LXXXXV. The History of the	96	96
LXXXXVI. The History of the	97	97
LXXXXVII. The History of the	98	98
LXXXXVIII. The History of the	99	99
LXXXXIX. The History of the	100	100

The History of the
 The History of the
 The History of the

The History of the



